

**LUCIANA CORREIA DIETRICH**

**ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO: A  
COMUNIDADE E SUAS POTENCIALIDADES PARA O  
TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB  
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE - MS  
2006**

**LUCIANA CORREIA DIETRICH**

**ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO: A  
COMUNIDADE E SUAS POTENCIALIDADES PARA O  
TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada à Banca de Exame  
Geral de Defesa do Programa de Pós-  
graduação em Desenvolvimento Local –  
*Mestrado Acadêmico*, sob orientação do Prof  
Dr Sérgio Ricardo de Oliveira Martins

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB  
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE - MS  
2006**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof Dr Sérgio Ricardo Oliveira Martins  
Universidade Católica Dom Bosco  
Orientador

---

Prof. Dr. Aparecido Francisco dos Reis.  
Universidade Católica Dom Bosco  
Examinador

---

Prof. Dra. Edma Aranha Silva.  
Examinadora

## DEDICATÓRIA

*Aos meus filhos amados,  
Pedro Vinícius e Felipe.*

## **AGRADECIMENTOS**

A todos da minha família pelo carinho, compreensão, apoio e incentivo de sempre: meu marido José Roberto; meu cunhado Ilclemar; a doce Amanda; a vó Neném, tios e tias.

Agradeço especialmente a minha mãe Alaíde e a minha irmã Sandra por tanto amor e companheirismo.

Ao orientador, prof.dr. Sergio Ricardo Oliveira Martins pela atenção e ensinamentos que tanto me engrandeceram.

Aos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato, em especial, a irmã Zélia, que me receberam com carinho e compartilharam comigo suas vidas.

Aos amigos, pela torcida, também agradeço.

## LISTA DE FIGURAS

Foto 1: Galpão – local de produção do artesanato em argila, setor sul da cidade .....	39
Foto 2: Banca – local de comercialização do artesanato, na área central .....	40
Foto 3: Artesãos na confecção do artesanato em argila .....	42
Foto 4: Artesãos na banca – local de comercialização .....	42
Foto 5: Artesanato em argila – antes de queimado .....	61
Foto 6: Artesanato em argila .....	62
Foto 7: Artesanato em argila .....	62
Foto 8: Peças de artesanato expostas na banca .....	63
Foto 9: Peças de artesanato expostas na banca .....	63
Foto 10: Peças de artesanato expostas na banca .....	64
Foto 11: Peças de artesanato expostas na banca .....	64
Foto 12: Peças de artesanato expostas na banca .....	65
Foto 13: Peças de artesanato expostas na banca .....	65
Foto 14: Peças de artesanato expostas na banca .....	66
Foto 15: Praias do rio Sucuriú .....	71
Foto 16: Rio Sucuriú .....	71
Foto 17: Lago da Usina de Jupia – panorâmica .....	72
Foto 18: Lagoa Maior .....	72
Foto 19: Lagoa Maior .....	73
Foto 20: Ponte Francisco de Sá .....	74
Foto 21: Ponte Francisco de Sá .....	74
Foto 22: Estação Ferroviária, 1922 .....	74
Foto 23: Estação Ferroviária, 1979 .....	74
Foto 24: Estação Ferroviária, sem data .....	74

Foto 25: Estação Ferroviária, 2002.....	74
---	----

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1: Bairros do Município de Três Lagoas.....39

Mapa 2: Principais vias de acesso ao município de Três Lagoas.....70



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Características dos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato em relação ao gênero .....	34
Gráfico 2: Perfil dos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato em relação ao estado civil .....	35
Gráfico 3: A renda do artesanato para os artesãos da Associação Três-Lagoense de Artesanato .....	36

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Objetivos dos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato .....46

Quadro 2: Distâncias entre Três Lagoas e algumas cidades brasileiras .....70

## LISTA DE TABELA

Tabela 1: Características dos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato em relação ao grau de escolaridade .....	35
Tabela 2: Profissões dos componentes da associação Três-Lagoense de Artesanato .....	37
Tabela 3: bairros em que residem os membros da associação Três-Lagoense de artesanato .....	41

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO 1 – COMUNIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	19
1.1 O QUE É COMUNIDADE.....	19
1.2 IMPORTÂNCIA DAS COMUNIDADES .....	24
1.3 ASPECTOS DA TERRITORIALIDADE E CONFIGURAÇÃO SÓCIO- COMUNITÁRIA.....	27
1.4 COMUNIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	30
CAPÍTULO 2 – A ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO .....	34
2.1 CARACTERÍSTICAS .....	34
2.2 IDENTIFICAÇÃO ESPACIAL DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO – O LUGAR.....	38
2.3 O TERRITÓRIO DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO ..	43
2.4 CARACTERÍSTICAS COMUNITÁRIAS DA ASSOCIAÇÃO TRÊS- LAGOENSE DE ARTESANATO .....	46
2.5 CARACTERÍSTICAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL NA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO .....	50
CAPÍTULO 3 – A ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO NO CONTEXTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM TRÊS LAGOAS .....	52
3.1 O ARTESANATO COMO PRODUTO TURÍSTICO .....	52
3.1.1 CULTURA E ARTESANATO .....	53
3.1.2 CULTURA E ARTESANATO NO TURISMO .....	55
3.2 O ARTESANATO PRODUZIDO PELA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO .....	61
3.3 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS .....	66
3.4 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS E A ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO .....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS .....	83

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS COMPONENTES DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO .....	87
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM A PRESIDENTA DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO.....	88
APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM OS COMPONENTES DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO .....	89
ANEXOS .....	90

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo verificar se a Associação Três-Lagoense de Artesanato se configura como uma comunidade na perspectiva do Desenvolvimento Local e analisar sua relação com a atividade turística no município de Três Lagoas - MS. Este trabalho foi desenvolvido em três capítulos, os quais apresentam a teoria relacionando-a aos dados coletados através da pesquisa de campo. Iniciou-se este estudo abordando-se conceitos de Comunidade e Desenvolvimento Local e discutindo-se seus pontos convergentes; em seguida buscou-se aprofundar nas questões que abrangem as características desta associação e finalizando-se com as relações que envolvem a Associação Três-Lagoense de Artesanato, as atividades desenvolvidas por ela e o turismo no município de Três Lagoas. Os instrumentos de coleta de dados foram entrevista e questionário semi-estruturado, os quais foram aplicados com a presidenta da associação em estudo e com os demais componentes do grupo, sendo que as respostas obtidas foram apresentadas e analisadas no decorrer do trabalho. Observou-se, de acordo com as informações obtidas, que a Associação Três-Lagoense de Artesanato se configura como uma comunidade, que a mesma possui potencialidades para o exercício do desenvolvimento local, que o município de Três Lagoas possui grande potencial para o desenvolvimento da atividade turística e, finalmente, que há uma relação estreita entre o artesanato em geral e o turismo bem como entre a associação investigada e a atividade turística em Três Lagoas.

Palavras chave: comunidade, desenvolvimento local, artesanato e turismo.

## **ABSTRACT**

The Current study aimed at verifying if Três Lagoas Craft Association is considered as a community based on Local Development and analyzing its relationship with the tourist activity in Três Lagoas city-MS. This work is divided into three chapters, which present the theory relating it to the data gathered through the field work. This chapter raises the concept of Community and Local Development in which the divergent points are discussed. Furthermore, the issues that raise the association features are treated in depth and, lastly the relationship that involves Três Lagoas Craft Association, its activity in Três Lagoas city. The data gathering relied on interview and semi-structured questionnaires which were addressed the association president and to the other components of the group whose data were presented and analyzed. According to such information, Três Lagoas Craft Association is indeed considered as a community and that it has potential to the practice of a tourist activity development and, finally, that it has a close relationship between crafts in general and tourism, as well as between the target association and the tourist activity in Três Lagoas.

Key words: community, local development, craft and tourism.

## INTRODUÇÃO

O tema comunidade já despertava atenção dos estudiosos desde os tempos mais remotos e continua também nos tempos atuais a ser assunto de interesse, sendo, portanto, considerado sempre de extrema relevância para a evolução das sociedades e melhoria de cada um de seus membros.

Ao buscar compreender o Desenvolvimento Local, percebeu-se que estes grupos (comunidades) estão direta e estreitamente relacionados. Partindo da compreensão de Desenvolvimento Local como um meio de desenvolvimento a partir dos interesses e potencialidades locais a fim de melhorias de vida e que isto só ocorre de fato através da organização e iniciativas de um determinado grupo, nota-se que as comunidades são grupos ideais para a prática deste tipo de desenvolvimento, pois possuem como características a organização interna, as relações e os relacionamentos (primários e secundários), interesses comuns objetivando o bem-estar de seus componentes, através de suas potencialidades.

São várias as atividades que podem ser exploradas em busca do Desenvolvimento Local pelas comunidades, sendo considerado que o turismo pode se tornar ferramenta para esta prática a partir da compreensão do turismo como “complexo de atividades e serviços relacionados ao deslocamento, transporte, alojamento, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento.” (ANDRADE 2001, p.38). Sendo assim, esta atividade necessita de diversos serviços que devem ser oferecidos pela população receptora; também envolve as pessoas no que se refere aos seus valores culturais e sociais quando da exposição e/ou divulgação de sua história e modo de vida e ainda, os governantes já que depende de uma política pública bem definida. Ou seja, atividade turística e desenvolvimento local têm objetivos comuns: o crescimento contínuo através dos recursos locais visando a melhoria de vida da população.

A atividade turística, no entanto, envolve direta e/ou indiretamente diversas áreas e dentre elas pode-se destacar o artesanato como produto de consumo das pessoas que viajam ou até mesmo (muitas vezes) de interesse, como atrativo.

No município de Três Lagoas encontra-se a Associação Três-Lagoense de Artesanato, grupo organizado a fim de, através da produção de artesanato, propiciar a evolução do próprio grupo e de seus componentes. Neste grupo percebem-se presentes



os relacionamentos, a organização, os objetivos comuns, a utilização de suas potencialidades, bem como o sentimento de pertença, induzindo a identificá-lo como uma comunidade.

A partir do interesse em compreender a comunidade em relação à atividade turística sob o prisma teórico do desenvolvimento, é que se buscou, neste estudo, atingir os seguintes objetivos:

- Verificar se a Associação Três-Lagoense de Artesanato se configura como uma comunidade na perspectiva do Desenvolvimento Local;
- Analisar a relação da Associação Três-Lagoense de Artesanato com a atividade turística no município de Três Lagoas.

A pesquisa de base realizada para os fins deste projeto orientou-se pelo interesse em tratar de modo sistemático todos os dados possíveis a serem coletados, objetivando-se verificar questões que possam elucidar as metas iniciais traçadas.

Para tanto, o presente estudo caracterizou-se como pesquisa bibliográfica e de levantamento. No que se refere à pesquisa bibliográfica, Gil (2002) descreve que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos”. Assim sendo, foi realizada revisão em livros, artigos, dissertações, documentos, entre outros.

As pesquisas de levantamento são caracterizadas como sendo de interrogação direta às pessoas cujo comportamento se deseja conhecer (GIL, 2002). Neste trabalho, foram realizados questionamentos diretamente com a população investigada a fim de se conhecer seus comportamentos e relacioná-los ao desenvolvimento local e à atividade turística, atendendo aos objetivos propostos.

A população alvo da pesquisa de levantamento restringiu-se aos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato. Para tanto, foram investigadas 28 pessoas, cuja média de idade foi de 50 anos, sendo que sua maioria era composta por mulheres.

A eleição dos sujeitos estabeleceu-se de forma aleatória, e todos foram voluntários, cientes dos objetivos da pesquisa.

Para caracterizar o perfil socioeconômico dos componentes do grupo em estudo foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário semi-estruturado (apêndice1), o qual se compunha de nove questões abertas e fechadas, visando conhecer o gênero, idade, ocupação, endereço, renda, estado civil e grau de instrução dos membros da Associação Três-Lagoense de Artesanato.

A entrevista realizada com a presidenta da associação teve como proposta identificar a história, os espaços ocupados pelo grupo e o seu funcionamento, bem como elucidar a relação do grupo com o turismo na cidade de Três Lagoas, pela visão de sua representante (apêndice 2). Para tanto, um roteiro foi elaborado e organizado em quatro blocos, somando um total de 18 (dezoito) perguntas.

Foram realizadas também entrevistas com os componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato, as quais continham 20 questões cada uma (apêndice 3). Estas entrevistas objetivaram verificar: os relacionamentos entre os membros; as relações entre estes e a organização; os motivos, os interesses e as expectativas de cada um ao pertencer ao grupo; a relevância do artesanato e do grupo para cada componente; a organização do trabalho; os objetivos individuais e grupais; a visão individual da existência de uma relação entre o artesanato produzido pelo grupo e a atividade turística na cidade de Três Lagoas, assim como a compreensão de comunidade e se o grupo é entendido como tal.

Este trabalho é desenvolvido em três capítulos, sendo que o primeiro, intitulado Comunidade e Desenvolvimento Local, apresenta conceitos teóricos acerca de comunidades, ou seja, as características que as distinguem, dentro de uma sociedade, dos demais grupos organizados, bem como a tipologia existente. Ainda neste mesmo capítulo, buscou-se discutir sobre a relevância e benefícios das comunidades para o desenvolvimento de uma sociedade e dos membros que a compõem, visto que, embora suas características tenham sofrido alterações, seus princípios permanecem inalterados.

A questão espacial foi discutida também no primeiro capítulo, o que envolveu abordagem sobre lugar e território, apresentando os conceitos teóricos e suas relações com comunidade. Buscou-se, finalizando este capítulo, compreender o Desenvolvimento Local através de suas definições, o que possibilitou identificar claramente os pontos convergentes e as relações que estes podem ter com comunidade. Considerou-se oportuno apresentar ainda um trabalho de desenvolvimento local já existente no Brasil, através do Projeto Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Local, e suas propostas.

O capítulo dois desta dissertação aborda especificamente a Associação Três-Lagoense de Artesanato, objeto deste estudo, no que diz respeito às suas características e às de seus componentes. Quanto às características do grupo, buscou-se identificar o histórico do mesmo, sua composição e estrutura organizacional. Em relação aos componentes desta associação levantou-se o seu perfil socioeconômico, bem como os

motivos pelos quais estes se aproximaram do grupo e o significado da renda oriunda do artesanato para cada uma destas pessoas. Buscou-se ainda identificar os locais onde se insere o grupo estudado, abrangendo os locais de residência, os de venda e de fabricação do artesanato, já que as relações são, muitas vezes, oriundas da aproximação espacial. Após uma abordagem teórica sobre território, identificou-se o da Associação Três-Lagoense de Artesanato. Por fim, foi possível reconhecer, presentes no grupo, as características de comunidade e de desenvolvimento local.

O terceiro capítulo versa sobre as relações entre a Associação Três-Lagoense de Artesanato, o artesanato produzido pela mesma e a atividade turística no município de Três Lagoas. Para tanto, buscou-se primeiramente entender artesanato e como ele pode estar inserido na atividade turística e na cultura de uma localidade. Em seguida, são apresentados os artesanatos da associação investigada e uma visão da cidade de Três Lagoas sob a ótica do turismo. Tal capítulo se finaliza apresentando a atividade turística no município de Três Lagoas sob o ponto de vista da Associação Três-Lagoense de Artesanato.

## **CAPÍTULO 1**

### **COMUNIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL**

#### **1.1 O QUE É COMUNIDADE**

Alguns autores apontam que os relacionamentos entre os homens vêm se tornando cada vez mais imprescindíveis para sua sobrevivência, bem-estar e evolução. Apesar do individualismo (liberdade de criação e autodeterminação) natural e indispensável ao homem, não há como afirmar a possibilidade de sua plena realização sem depender de outros membros que compõem uma sociedade. Esses relacionamentos, esta interação entre os indivíduos, possibilitam aflorar novas capacidades, o que proporciona o crescimento e a satisfação individual e/ou do grupo.

Os vínculos, no entanto, nem sempre são conseqüências apenas da aproximação física causada pelo espaço geográfico ocupado, mas sim pelas semelhanças, interesses e objetivos em comum dos indivíduos. Estes grupos, porém, não vivem de forma isolada, conectam-se entre si, formando assim uma grande teia de relacionamentos. (DRUCKER, 1998)

Ressalte-se, aqui, que uma nova sociedade está em formação: a sociedade em rede, pautada na tecnologia da informação que conecta “*on line*” vários segmentos (pessoas, empresas, setores, mercados, centrais de serviços, sociedades, Estados e outros, inclusive redes) do mundo inteiro. Neste sentido, aos pertencentes a esta nova sociedade, os relacionamentos comumente causados pelo trabalho, desaparecem. Castells embasa esta conclusão afirmando que: “[...] eles vivem lado a lado sem se relacionarem, à medida que a existência do capital global depende cada vez menos do trabalho específico e cada vez mais do trabalho genérico acumulado, operado por um pequeno grupo de cérebros que habita os palácios virtuais das redes globais.” (CASTELLS, 2000, p.503) O autor ainda complementa: “[...] a vida ligada ao trabalho

continua. Mas, em nível mais profundo da nova realidade social, as relações sociais de produção foram desligadas de sua existência real.” (CASTELLS, 2000, p.503)

Pode-se, então, entender que as comunidades surgem naturalmente dessas relações presentes em toda a humanidade. Entretanto, não podemos denominar todos e quaisquer grupos de pessoas como comunidade.

As comunidades são caracterizadas por possuírem interesses comuns e busca do bem-estar aos seus membros, através de suas potencialidades. Nelas os objetivos não são individuais e sim grupais, porém, capazes de realizar a cada um, particularmente.

Para Ferreira Neto & Garcia:

[...] sempre que em determinado espaço geográfico os indivíduos se conhecem, possuem interesses comuns, analisam juntos seus problemas e põem em comum os seus recursos para resolvê-los, podemos afirmar seguramente que aí existe uma comunidade. [...] Comunidade é, por conseguinte, reunião total de idéias, interesses e recursos, em determinado espaço geográfico em que pessoas interagem buscando soluções dos seus problemas para a realização do bem comum. (FERREIRA NETO & GARCIA, 1987, p.9)

Souza (1999) discute esta contextualização através das afirmações de Mcleever e Arleen Johnson. Mcleever conceitua comunidade como: “[...] círculo de pessoas que vivem juntas, que permanecem juntas, de sorte que buscam não este ou aquele interesse em particular, mas um conjunto inteiro de interesses, suficientemente amplo e completo de modo a abranger suas vidas [...]” (MCLEVER *apud* SOUZA, 1999, p.62) e Arleen Johnson, do mesmo modo, entende comunidade como “[...] grupo de pessoas reunidas em qualquer área geográfica, grande ou pequena, que tenham interesses comuns, reconhecidos ou reconhecíveis no campo de bem-estar social.” (JOHNSON *apud* SOUZA, 1999, p.62)

Portanto, podem-se pontuar (reforçando o que já fora apontado) alguns requisitos para denominar um grupo de pessoas como comunidade: a questão do espaço em que está inserido o grupo o qual permite o contato entre as pessoas e a união das forças (potencialidades) para alcançar os objetivos comuns através do envolvimento de seus participantes.

Desta forma, Ferreira Neto & Garcia (1987, p.10), elencam como requisitos:

- 1º) uma certa contigüidade espacial, uma aproximação habitual dos membros que permita entre eles os contatos diretos ou a utilização de serviços básicos comuns;

- 2º) a consistência de interesses comuns, que revele aos membros a possibilidade de, unidos, atingirem objetivos que, isolados, não alcançariam;
- 3º) a participação em uma obra comum, que é a realização desses objetivos e a força de coesão interna da comunidade.

Em suma, o mesmo autor afirma que:

A comunidade tem sempre interesses convergentes: a sua própria permanência, para o bem comum dos membros, e a obra comum da qual todos participam. Os membros participam da comunidade por aquilo que são. (Ibid, p. 10)

Partindo da compreensão de que o objetivo maior de uma comunidade é o bem-estar comum e não o individual, conclui-se que os princípios de solidariedade e companheirismo devem ser, portanto, características inerentes às pessoas que compõem estes grupos.

Ferreira Neto & Garcia ressaltam bem a importância destes sentimentos quando conceituam comunidades: para eles, esses são fatores essenciais para distingui-las de outros grupos organizados. Serão destacadas, neste trabalho duas colocações em que os autores apresentam esta relação. Nelas, eles enfatizam que os indivíduos componentes de uma comunidade são dotados de sentimentos de união e de bem-querer, o que os torna parceiros uns dos outros. Para eles, “[...] a parceria, a solidariedade entre as pessoas, o companheirismo, o sentido de todo, a preocupação com o bem comum é que dão ao empreendimento a dimensão comunitária.” (FERREIRA NETO & GARCIA, 1987, p.11).

No mesmo sentido, complementam que “o esforço comunitário tem a marca da solidariedade, do sacrifício pessoal, da abnegação, da união de forças, de construir COM e se opõe às formas personalísticas e individualistas de viver em sociedade.” (Ibid, 1987, p.17)

Os autores ainda destacam que, dentro de uma comunidade, seus componentes, ao perceberem que seu papel, sua participação são de extrema importância para gerar resultados positivos (o bem-estar de todos), tornam-se motivados e pessoalmente satisfeitos. Eles afirmam que:

[...] o “nós” está acima do “eu” e cada um se vê como pedra fundamental na construção do bem comum. O que importa é a união de todos, a parceria gratuita, a motivação e a satisfação sentida por ser engajado num esforço planejado que irá resultar no bem-estar de todos. (FERREIRA NETO & GARCIA, 1987, p.16)

Ferreira Neto & Garcia ainda apresentam o pensamento de Bonavides que, da mesma forma, entende que comunidade não se dá apenas pela interação (aproximação) do grupo em si, mas, e principalmente, pelos sentimentos que os aproxima:

[...] implica a existência de formas de vida e organização social, onde impera essencialmente uma solidariedade feita de vínculos psíquicos entre os componentes do grupo. A comunidade é dotada de caráter irracional, primitivo, munida e fortalecida de solidariedade inconsciente, feita de afetos, simpatia, emoções, confiança, laços de dependência direta e mútua do “individual” e do “social”. (BONAVIDES apud FERREIRA NETO & GARCIA, 1987, p.10)

Podemos destacar até o momento como característica comum aos pensamentos dos autores apresentados, a preocupação do indivíduo com o grupo, uma dose representativa de doação, apesar de nos deixarem claro que há benefícios individuais. Já, Foracchi e Martins parecem perceber por outro ângulo, enfatizando que a comunidade deve se preocupar com o homem visto como um todo, preocupar-se com o indivíduo e seus anseios. Para estes autores, o homem não deve ser visto como um membro ou um adepto, mas tão somente como um homem. Os autores afirmam que: “A comunidade encontra seu fundamento no homem visto em sua totalidade e não neste ou naquele papel que possa desempenhar na ordem social, encarada separadamente.” (NISBIT, 1978, p. 255)

Para refletir melhor sobre comunidade, considerou-se importante acrescentar o pensamento de Buber, acreditando que suas conceituações contribuem e complementam este estudo. O autor defende que a comunidade deve ser um fim em si mesma e não um instrumento para chegar a outros fins. Buber não desconsidera o que já fora até o momento apresentado por outros autores no que diz respeito às relações, à união e companheirismo. Para ele, não somente o grupo e não somente o homem são importantes, mas o movimento, o fluxo entre o grupo e o indivíduo. Em resumo, pode-se destacar uma de suas afirmações:

A nova comunidade tem como finalidade a própria comunidade. Isto, porém, e a interação viva de homens íntegros e de boa têmpera na qual dar é tão abençoado como tomar, uma vez que ambos são um mesmo movimento, visto ora da perspectiva daquele que move, ora daquele que é movido. (BUBER, 1987, p.34)

Considera-se importante ressaltar também que, para Buber, a verdadeira comunidade, sua essência, está pautada na religiosidade. Para ele, somente a presença

do elemento divino garantirá o estabelecimento da comunidade. “Os homens que desejam comunidade, desejam Deus. Todo desejo de um autêntico relacionamento é dirigido a Deus, e todo anelo por Deus é dirigido a uma comunidade verdadeira.” (BUBER, 1987, p.26)

Em se tratando do que atrai e mantém a organização e os relacionamentos característicos de uma comunidade, percebe-se que são necessários tanto os embasados nos sentimentos quanto os embasados na racionalidade. Deste modo, os contatos primários<sup>1</sup> são considerados fundamentais (principais), como já observado nos conceitos de comunidade para manter a harmonia entre seus componentes, porém, os contatos secundários<sup>2</sup> também são importantes, pois as formalidades é que darão o caráter de organização.

Desta forma, Nisbit entende que a comunidade se dá a partir da junção entre o sentimento e a razão, pelas relações que nascem de sua vontade de forma livre e racional, afirmando que:

Sua força psicológica deriva numa motivação mais profunda que a da volição ou do interesse e realiza-se na fusão de vontades individuais que seria impossível numa união que se fundasse na mera conveniência ou em elementos de racionalidade. A comunidade é a fusão do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação intencional, da participação e da volição. (NISBIT, 1978, p. 255)

Percebe-se assim que as relações, o contato entre os componentes de uma comunidade, os sentimentos e os objetivos comuns são fatores convergentes nessa definição; porém, no que se refere a tipos de comunidade, para Ávila, estarão relacionados ao lugar, espaço onde se dão estas relações e ao(s) motivo(s) que levam a esses relacionamentos. Há as comunidades espaciais, e estas são caracterizadas pelo fato de seus membros viverem numa contigüidade espacial, por exemplo: num bairro ou num povoado. Já nas comunidades funcionais, as relações acontecem devido ao

---

<sup>1</sup> Contato primário - encontro onde há simpatia, afeição, amor, lealdade, dedicação; onde as relações são informais, espontâneas, íntimas, sentimentais, intensas, completas, relativamente permanentes, um fim em si mesmas; onde os indivíduos tendem assumir uns os papéis dos outros, a identificarem-se continuamente uns com os outros e a compartilhar de suas respectivas vidas; onde o controle social é informal e, assim, intenso e efetivo (PIERSON, 1972, p. 323)

<sup>2</sup> Contato secundário - encontro de necessidade ou conveniência onde predominam atitudes de indiferentismo; onde as relações são formais, distantes, impessoais, deliberadas, racionais, frouxas, fragmentárias, transitórias, antes um meio para um fim do que um fim em si mesmas; onde os indivíduos não tendem a assumir uns os papéis dos outros, a identificarem-se uns aos outros, a compartilhar de suas respectivas experiências, mas tendem a se tratarem uns aos outros como meros objetos físicos (e não sociais); onde o controle social é formal e, assim, fraco, devido à falta de sensibilidade às expectativas de comportamento; por ex., o que se dá entre o cobrador e passageiro de veículos coletivos de uma grande metrópole (PIERSON, 1972 p. 323)



envolvimento de seus membros numa mesma função. Neste caso, o trabalho e os colégios podem ser apontados como exemplos. (ÁVILA *apud* FERREIRA NETO & GARCIA, 1987)

Buber, porém, considera que os tipos de comunidades estão de acordo com os princípios de ligação interna, com o fator (motivo) de união às quais correspondem: a propriedade comum do solo, o trabalho comum, costumes comuns e a fé comum. (BUBER, 1987)

Retornando à questão de espaço apresentada por Ávila como elemento característico de uma comunidade, por entender que esta questão aguça uma discussão mais pontual, uma vez que podemos encontrar num mesmo bairro ou povoado pessoas com interesses distintos e analisando-se também colocações de demais autores, considerou-se importante reservar, neste estudo, um espaço para se refletir com maior afinco sobre este assunto. Esta discussão envolve ainda uma reflexão sobre lugar e território, conseqüentemente, sentimentos e relacionamentos. Portanto, este assunto será abordado adiante, no capítulo II.

## 1.2 A IMPORTÂNCIA DAS COMUNIDADES

Não somente os aspectos espacial e de afinidade têm sido influenciados pela evolução humana, mas também a comunidade em si e suas características. Há estudiosos que defendem que atualmente não podemos mais encontrar a “verdadeira” comunidade com suas características singulares (coesão, união, interesses comuns, sentimento de grupo e bem-querer), ou seja, as transformações sociais nela se refletiram, interferindo nas características desta comunidade. No entanto, percebe-se que para estes pensadores, a presença das comunidades, em uma sociedade (com suas atuais características ou resgatando as de outrora) é de extrema importância para sua evolução e que outros tipos de organizações (Estado, governo, igrejas) não as substituem.

Buber (1987, p.54) relata:

A verdadeira vida entre o homem e seu semelhante não se passa, no entanto, na abstração do Estado, mas essencialmente lá onde existe uma vitalidade da coexistência espacial, funcional, emocional e espiritual, a saber, na comunidade, precisamente na comunidade da aldeia e da cidade, da cooperativa de trabalho e da oficina, da camaradagem, da união religiosa.

Os grupos, as organizações, as comunidades surgem a partir da presença da desigualdade humana, o que levou a dependência do homem ao homem, à apropriação e ao trabalho e, conseqüentemente a interesses.

A partir do momento que um homem precisou do auxílio de outro; a partir do momento em que se tornou vantajoso a qualquer indivíduo acumular provisões que bastem a dois, a igualdade desapareceu, a propriedade foi criada, o trabalho tornou-se indispensável e grandes florestas transformaram-se em campos sorridentes que tinham de ser regados com o suor do rosto, e nos quais a escravidão e a miséria não tardariam a crescer juntamente com as colheitas. (2) (*discourse on the origin of the Inequality*, ob. Cit., pp.244 e 254. *apud* FORACCHI e MARTINS 1978, p. 257)

Buber (1987) coloca que a verdadeira essência de comunidade e/ou de relações comunitárias não se fazem presentes nos dias atuais. Estas se apresentavam em forma de aldeias, cidades comunitárias e cooperativas. A verdadeira camaradagem, as relações puras e justas entre os homens foram substituídas pelas paróquias (em se tratando de união religiosa) e pelo Estado (mesmo que se torne socialista, não pode satisfazer o anseio por comunidade). Em relação ao Estado, o autor afirma: “Ele não pode, além disso, dar às almas individuais a consciência profunda da união que elas esperam da comunidade, porque ele, Estado, não é e não pode tornar-se uma comunidade.” (BUBER, 1987, p.56)

A evolução é inevitável, bem como suas conseqüências; portanto, o resgate ou o retorno à comunidade ideal não significa necessariamente a volta às aldeias ou cidades comunitárias, mas sim e talvez aos princípios nelas existentes.

Sem dúvida, não podemos voltar a uma etapa anterior à sociedade mecanizada, mas podemos ir além dele para uma nova organicidade. Não podemos reconstruir o crescimento primitivo, mas podemos ir além dela para uma nova organicidade. Não podemos reconstruir o crescimento primitivo, mas podemos preparar o caminho de uma nova organização social, em que o princípio a partir do qual tal crescimento surgiu retorna à atividade consciente. A comunidade e a sociedade são ambas expressão e desenvolvimento de tipos de vontade. (BUBER, 1987, p.52)

Para os autores consultados, a relevância das comunidades a fim de buscar o bem-estar comum aos membros de uma sociedade é unânime, ou seja, todos consideram que este tipo de organização, de forma “natural” (não imposta), é uma alternativa de evolução social em se tratando da satisfação plena do homem. Elegeu-se, na teoria, a fim de apoiar esta conclusão, a afirmação de Buber, que enfatiza a importância da comunidade e de sua permanência. O autor entende que:

Não o Estado, mas somente a comunidade pode tornar-se o autêntico

sujeito da propriedade comunitária do solo. Não o Estado, mas só a cooperativa pode tornar-se o autêntico sujeito da produção comunitária. Não é na sociedade, mas sim no companheirismo que novos costumes podem germinar; não é na igreja, mas nas confrarias que pode uma nova fé prosperar. (BUBER, 1987, p. 56)

O mesmo autor reafirma sua crença em comunidade, quando assim se expressa:

[...] que homens maduros, já possuídos por uma serena plenitude, sintam que não podem crescer e viver de outro modo, exceto entrando como membros em tal fluxo de doação e entrega criativa, que eles se reúnam, então, e se deixem cingir as mãos por um mesmo laço, por causa da liberdade maior, eis o que é comunidade, eis o que desejamos. (BUBER, 1987, p.34)

Ressalte-se, no entanto, que a preocupação com as organizações regidas pelos relacionamentos primários (característica forte de comunidade) como meio de proporcionar benefícios a uma sociedade e seus membros, faz-se presente também na atualidade. Neste sentido, Coriolano considera necessário que sejam organizados e regidos pela cooperação, parcerias fraternas e respeito mútuo (CORIOLANO, 2003), quesitos estes comuns em comunidades.

Atualmente, ao contrário do que possa parecer para muitos, a globalização vem favorecendo o fortalecimento das localidades e daquilo que é local e, conseqüentemente, estas comunidades tendem a ter maior poder de influência e decisão. Isto ocorre devido, principalmente, à grande revolução tecnológica nas telecomunicações, o que permite o contato entre indivíduos de todo o mundo e o acesso às informações de maneira rápida e precisa. As alianças proporcionam a criação de novos serviços e produtos; em contrapartida e da mesma forma, a valorização das identidades culturais e políticas que diferenciam as comunidades, regiões e países é cada vez mais fortalecida para que, num contexto globalizado, haja meios para competitividade. Também o indivíduo assume responsabilidades maiores, pois tem maior acesso às informações, maior capacidade de se comunicar e mais velocidade para executar. (NAISBITT, 1999)

Entende-se, portanto, que as comunidades foram e são importantes, tanto na sua coletividade (para a sociedade na qual está inserida) quanto para seus indivíduos, no que se refere à satisfação e evolução pessoal, podendo influenciar ainda nas questões econômicas. Segundo Naisbitt, com a globalização, o avanço das evoluções tende a aumentar, podendo-se deduzir que, cada vez mais a presença das comunidades nas sociedades será necessária.

### 1.3 ASPECTOS DA TERRITORIALIDADE E CONFIGURAÇÃO SÓCIO-COMUNITÁRIA

Ao abordar o tema comunidade, torna-se obrigatória a discussão acerca de espaço (pois ela está inserida em algum local determinado), de sentimentos de pertença, de relacionamentos e de poder, itens que envolvem, da mesma forma, lugar e território.

A teoria aponta através dos conceitos de comunidade que nenhum grupo é caracterizado como tal sem que haja sentimento, um envolvimento com os demais membros e com a causa (objetivos) e isso se dá através da aproximação, ocorrida na maioria das vezes, em um mesmo território. Observou-se, porém, que a questão espacial não é preponderante para a maioria dos autores ao conceituarem comunidade. No entanto, acredita-se que dificilmente se poderia imaginar uma comunidade sem localizá-la no espaço, em algum lugar.

Santos acredita que para compreender território e territorialidade é importante compreender também o espaço. Para isto, faz-se necessário considerar o homem e seu trabalho, o qual lhe propicia agir e interagir com a natureza num processo de troca, causando, em ambos, modificações e inovações. Nesta interação, não há uma situação permanente, pois toda situação é, ao mesmo tempo, um resultado e um processo, porém o que varia são os ritmos. Esse processo pode ser resultado da influência de alguns elementos externos e internos, elementos novos e velhos, Estado e mercado. (SANTOS, 1988)

O espaço é, portanto, segundo Santos (1988), formado pela configuração territorial e pela dinâmica social, que, por sua vez, é formada pelo conjunto de variáveis econômicas, culturais, políticas, etc. Desta forma, compreender espaço significa considerar tanto a forma física como os movimentos do homem e seu trabalho os quais proporcionam as relações e causam mudanças. O autor, neste sentido, afirma: “O espaço é, grosso modo, formado, como já vimos, por sistemas de engenharia e fluxo de relações.” (SANTOS, 1988, p.114)

A teoria ainda nos leva a entender que não há fronteiras físicas como limites de uma comunidade, apesar de todas elas ocuparem um espaço geográfico, porém e, conforme Raffestin, delimitar não está relacionado somente à questão física, existem outros parâmetros para distinguir/delimitar um grupo. O autor afirma: “Definir, caracterizar, distinguir, classificar, decidir, agir implicam a noção de limite: é preciso delimitar.” (RAFFESTIN, 1981, p.153 )

Nas comunidades, o que impera como delimitador é, na realidade, o envolvimento, afinidades e pretensões comuns. Observou-se nos conceitos apresentados que o fator contigüidade espacial não se sobrepõe aos demais requisitos. Portanto, uma pessoa pode, ao mesmo tempo, fazer parte de diversas comunidades, assim como num mesmo local as pessoas podem se agrupar em várias comunidades.

Souza é um estudioso que se preocupou em discutir a relação espaço e comunidade. Ele apresenta, primeiramente, uma afirmação de Porzecanski: “Em definitivo, temos que deixar de falar de áreas geográficas como comunidades, e apesar de que todo grupo social está assentado em uma área, destacar o âmbito de repercussão social como possível comunidade real.” (PORZECANSKI apud SOUZA, 1999, p. 62). Em seguida, analisa suas afirmações: “Para Tereza Porzecanski interessa mais a existência de um âmbito humano que a existência de um âmbito geográfico. Âmbito humano no sentido de diferentes subgrupos de uma mesma classe social que, como tal, têm interesses e objetivos comuns.” (SOUZA, 1999, p.63)

E então, o autor conclui:

Numa área geográfica, local de moradia, há certos níveis de identidade entre grupos e subgrupos que cobrem ou servem de identidade, de interesses e preocupações para diferentes classes [...] Nesse sentido, a partir dessa concepção operacional se tem de ir adiante para identificar o nível dos interesses fundamentais que caracterizam tal porção de território no qual pode haver mais de uma comunidade. (SOUZA, 1999, p.67)

Entende-se necessário, ou como uma consequência, a fim de se contemplar uma melhor compreensão deste estudo, a abordagem sobre lugar e território, pois se verifica que a comunidade não está inserida apenas em um espaço, e sim em um lugar e em um território, pois é característica de comunidade, como já visto em sua definição, o envolvimento e os relacionamentos estreitos entre seus componentes.

No que se refere a lugar, a teoria nos revela que este vai muito além do espaço ocupado, é o espaço apropriado, pertencido e ao qual se pertence, personalizado, onde a pessoa se identifica e se apegue (KUHNEN, 2001), ou seja, é o sentimento e o significado do espaço para uma pessoa.

Raffestin ilustra a diferença entre espaço, lugar e território, associando espaço à matéria-prima, pois é pré-existente a qualquer ação. (RAFFESTIN, 1981)

Para Carlos (1996), pode-se denominar lugar o espaço vivido intensamente nas práticas cotidianas que proporcionam, que permitem relacionamentos mais intensos

e, conseqüentemente, criam laços mais fortes. Esta mesma autora não considera, portanto, a metrópole como lugar, pois não pode ser vivida em sua totalidade, porém no bairro já existe esta possibilidade. Em se tratando das relações cotidianas que permitem transformar o espaço em lugar, a autora mencionada declara:

[...] as relações de vizinhança, o ir as compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. (CARLOS, 1996, p.23)

Porém, Santos (1988) alerta que os elementos que compõem um lugar possuem valores particulares, os quais lhes são atribuídos pelo lugar ao qual pertencem e pelo movimento das relações entre eles e o contexto, dependendo também da evolução conjunta, que lhes proporciona mudanças nestes valores. Nesta perspectiva, o autor ressalta ainda que os elementos, ao serem analisados, devem ser vistos através do movimento do conjunto, do todo, para assim serem verdadeiramente reconhecidos, pois cada um é o que é dentro de um contexto, ao mesmo tempo em que podem formar elementos iguais, lugares diferentes.

Considera-se, então, que é essencial para uma comunidade ter o espaço vivido transformado em lugar, pois poderá influenciar nas relações com os demais componentes, tendo em vista que, no lugar, as pessoas sentem-se muito bem devido à identificação que se tem com ele.

Kuhnen discorre sobre esta questão afirmando que: “[...] a apropriação do espaço apresenta conseqüências positivas para o indivíduo ou grupo pois proporciona o sentimento de bem-estar. A pessoa sente-se em harmonia com o espaço e conseqüentemente este processo oportunizará uma forte identificação pessoal.” (KUHNEN, 2001)

Para que as ciências humanas compreendam as relações entre os sujeitos e entre estes e o espaço físico, o que mais importa é como se dá a transformação de espaço em lugar, o que ocorre através da apropriação. Sobre esta afirmação, Kuhnen atesta:

É certo que o espaço existe em sua materialidade física, mas o que interessa às ciências humanas é a transformação destes espaços físicos em espaços sociais e a relação que o homem estabelece com estes. O conceito de apropriação permite compreender a intencionalidade de certas práticas sociais e as modalidades da relação que os sujeitos

estabelecem com o espaço físico e social. (KUHNEN, 2001)

Compreende-se, então, que para o estudo de comunidades, buscar entender o lugar vivido pelo grupo é importante para a compreensão de seus relacionamentos, sendo que estes (os relacionamentos) são quesitos fundamentais para identificar um grupo como comunidade.

#### 1.4 COMUNIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Conforme Ferreira (2001), desenvolvimento pode ser entendido como ato ou efeito de desenvolver-se; crescimento, progresso. Sendo assim, para o autor, desenvolver significa fazer crescer, medrar, prosperar. exercer, aplicar. gerar, produzir, expor com minúcia, crescer, aumentar, progredir, progredir intelectualmente.

Para Souza & Corrêa (2000, p. 53), o entendimento da palavra desenvolvimento significa o “Aumento da capacidade de atender às necessidades materiais dos seres humanos e à melhoria da qualidade de vida”.

Já o Desenvolvimento Local como área de estudo nas universidades surge apenas em 1996 através da aceitação e compreensão deste fenômeno, bem como, conseqüentemente, os debates e os conceitos sobre ele. Dentre as definições de Desenvolvimento Local, destaca-se a de Ávila que o considera como uma ação que surge da iniciativa da própria comunidade e se desenvolve pela mesma em busca de melhorias, observando suas potencialidades e necessidades (ÁVILA, 2000)

Marques *et al*, da mesma forma, compreendem Desenvolvimento Local e assim o definem:

[...] conjunto original de estratégias que devem ser adequadas a um território, que conta com a participação ativa e solidária da população que nele habita, para encontrar formas viáveis, sustentáveis, contínuas e organizadas de utilização integrada dos recursos materiais, naturais e humanos disponíveis, em prol da obtenção de melhorias no bem-estar deles mesmos. (Marques et al, 2001, p. 157)

Considera-se necessário ressaltar a importância de se compreender que desenvolvimento não pode ser substituído por crescimento, pois são termos com significados distintos: enquanto este último diz respeito ao aumento quantitativo,

desenvolvimento significa crescimento qualitativo objetivando a evolução do ser humano nos diversos aspectos que o realizam sócio-econômica e culturalmente, no que se refere não só à quantidade, mas principalmente à qualidade. (ÁVILA, 2000)

Os referidos autores ressaltam ainda que esta evolução, no entanto, não desconsidera a geração de emprego e renda; pelo contrário, este é um dos objetivos do Desenvolvimento Local, pois normalmente contribui para a satisfação plena do homem, porém, devem ser o resultado das diversas ações para a sua promoção, e a sua proposta de desenvolvimento local é mais próxima e respeitadora dos recursos presentes na comunidade.

Logo, o Desenvolvimento Local preconiza o envolvimento da população. Neste sentido, Martins atesta que: “tem a ver, pois, com o efetivo interesse, disposição e disponibilidade das pessoas pelo enfrentamento dos problemas que afligem a si e a comunidade que integram, portanto, numa perspectiva coletiva e não individualista.” (MARTINS, 2005, p.2) O autor acrescenta ainda duas condições importantes do Desenvolvimento Local: a participação e o sentido de pertencimento a uma comunidade ou lugar. (MARTINS, 2005)

Assim sendo, compreende-se que o ideal é que a busca de melhorias surja dos anseios da própria comunidade, pois assim o interesse e a perseverança serão maiores, já que se priorizará buscar o que realmente é considerado importante para aquela população. Sendo assim, as estratégias a serem utilizadas também deverão surgir da comunidade (fator endógeno), o que é essencial para o Desenvolvimento Local, não significando que os fatores exógenos não se façam presentes na prática deste tipo de desenvolvimento; estes devem ocorrer, porém não são tão importantes quanto os que ocorrem de dentro para fora. Portanto, no processo de Desenvolvimento Local, é imprescindível que o poder público se some à sociedade organizada, objetivando a capacidade, competência e poder de soluções de problemas que os envolvem. Para a sua efetivação, as capacidades das comunidades devem ser apoiadas e estimuladas para, conseqüentemente, gerarem novas potências. (ÁVILA, 2000)

Conclui-se, portanto, no que se refere aos fatores endógenos e exógenos, que a prática do Desenvolvimento Local requer tanto estratégias de dentro para fora como de fora para dentro.

Dentre os termos e expressões utilizadas nas discussões sobre Desenvolvimento Local, considerou-se que alguns deles identificam melhor esta



atividade: equipe, soma, engajamento, cooperação, ciclo, processo, esforços, participação, saída endógena e bem comum.

No Brasil, existe um programa que entende Desenvolvimento Local conforme preconiza a teoria e, neste sentido, desenvolve um trabalho que envolve estudos, pesquisas e debates a fim de identificar os obstáculos e propor medidas para esta prática, dinamizando as que já se encontram iniciadas e proporcionando o surgimento de novos potenciais: trata-se do Projeto Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Local.

A proposta do projeto mencionado envolve a elaboração de um diagnóstico e uma sistematização das propostas consensuais que devam surgir através de pesquisas, seminários, estudos, entrevistas, discussões, encomendas de textos de consultoria e pareceres técnicos de especialistas. Foram definidos, para tanto, oito eixos temáticos a serem estudados, enfatizando a necessidade de políticas específicas de: financiamento, tecnologia, desenvolvimento institucional (governança), informação, comunicação, capacitação, emprego e inclusão social e sustentabilidade.

Atualmente, o programa realiza uma pesquisa de avaliação de propostas de políticas públicas de apoio ao desenvolvimento local no Brasil com o objetivo de contemplar propostas, sendo que a meta principal é a melhoria da qualidade de vida a partir da distribuição de renda, da democratização do acesso aos serviços públicos aos bens culturais e benefícios da tecnologia e da democratização do poder. (Projeto Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Local)

Compreendeu-se, acordando com Ávila, que a atuação do Desenvolvimento Local, quando inserida na cultura de uma comunidade, irá acarretar-lhe benefícios, tais como: a questão da democracia exercida através de seu envolvimento como sujeito e não como objeto; o processo endógeno, realizado de modo aberto para se relacionar com o que é externo, assim como para ser modelo de processo de forma centrada, onde ao mesmo tempo que possui uma autonomia para atuar desenvolvendo suas capacidades, não está desvinculado totalmente em relação aos seus governos, seja municipal, estadual ou federal. (ÁVILA, 2000)

No que se refere à relação entre comunidades e Desenvolvimento Local, pode-se notar que as características comuns às comunidades (organização em grupos, solidariedade, coletividade, relacionamentos primários objetivando a satisfação e bem-estar comum através do desenvolvimento de suas potencialidades) elencadas pelos diversos autores citados neste estudo são também requisitos essenciais para a efetivação

do Desenvolvimento Local, através dos conceitos apresentados.

No que se refere ao envolvimento da população preconizado pelo Desenvolvimento Local e enfatizado por Martins, podemos notar mais um ponto de convergência, de característica comum entre comunidade e Desenvolvimento Local. Podemos ainda inferir que este tipo de organização é o princípio do Desenvolvimento Local.

Já Ávila é enfático ao relacionar comunidade e Desenvolvimento Local, afirmando que é imprescindível que o Desenvolvimento Local deva partir da comunidade, de suas habilidades, competências e capacidades, ou seja, de seu potencial, pois seus componentes têm em comum a identidade histórico-social, os interesses, as necessidades, os objetivos, as potencialidades e assim a relação primária se faz mais presente, constituindo-se todos estes itens em fatores fundamentais para a prática do Desenvolvimento Local. (ÁVILA, 2000)

Entendendo que o Desenvolvimento Local busca o aumento da qualidade de vida e que esta busca deva surgir da organização de pessoas (fator endógeno), suas capacidades e potencialidades, compreende-se assim que as comunidades são os grupos organizados com maior potencialidade para este tipo de desenvolvimento. Portanto, entende-se que ao considerar importante o Desenvolvimento Local para uma sociedade, para o seu desenvolvimento e, concordando com os autores em suas definições, considera-se conseqüentemente essencial à formação de comunidades para que este desenvolvimento aconteça de forma efetiva. É nesse contexto que se insere o objeto deste estudo, qual seja, a Associação Três-Lagoense de Artesanato.

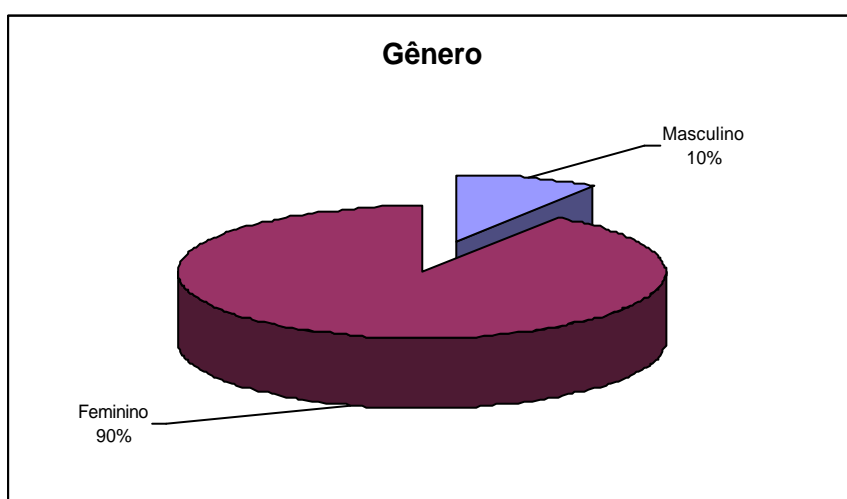
## **CAPÍTULO 2**

### **A ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO**

## 2.1 CARACTERÍSTICAS

No município de Três Lagoas encontra-se um grupo denominado atualmente por Associação Três-Lagoense de Artesanato. Este grupo é composto por vinte e oito membros, sendo que destes, apenas dois são do gênero masculino (Gráfico 1). Segundo a presidenta da associação, irmã Zélia<sup>3</sup>, a maioria dos homens que se interessa e se aproxima do grupo tem como objetivo apenas a produção de peças artesanais e ela afirma que para permanecer no mesmo é necessário um envolvimento maior e um comprometimento com as demais atividades promovidas, o que justifica, para ela, esta desproporção de quantidade entre o gênero feminino e o masculino.

**Gráfico 1: Características dos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato em relação ao gênero.**



Fonte: Trabalho de campo, 2005

É um grupo heterogêneo no que se refere à: a) idade, sendo que varia de 27 a 69 anos e a média de idade é de 50 anos; b) grau de escolaridade (Tabela 1), podendo-se observar um número expressivo de pessoas com formação superior e c) estado civil (gráfico 2), no qual se destaca a maioria de casados (52%).

**Tabela 1: Características dos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato em relação ao grau de escolaridade.**

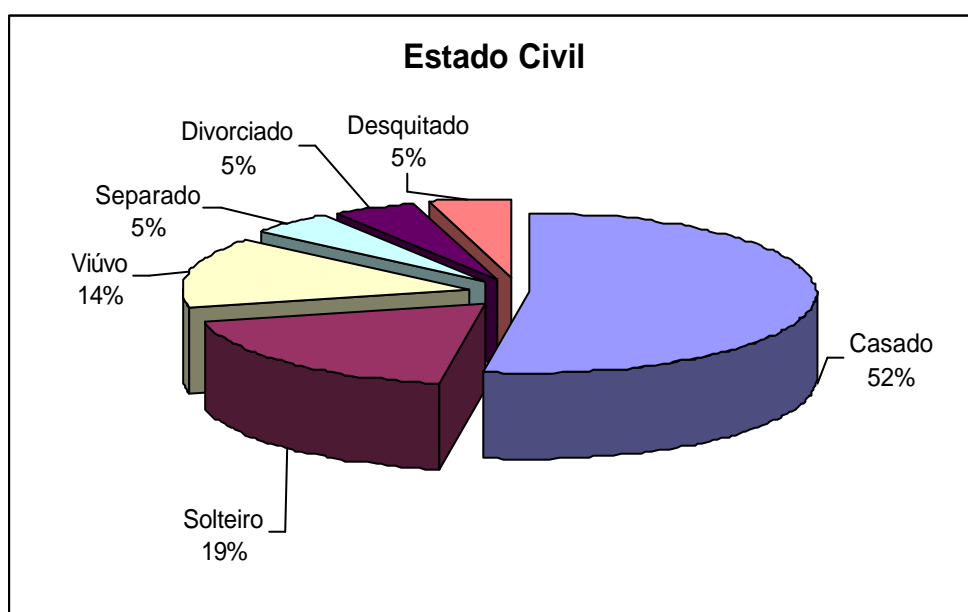
Escolaridade	Componentes	%
--------------	-------------	---

<sup>3</sup> Zélia Lopes da Silva, professora universitária aposentada, religiosa católica pertencente à ordem, congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.

Analfabeto	0	0,0
1ª a 4ª série incompleta do ensino fundamental	2	6,2
1ª a 4ª série completa do ensino fundamental	3	11,0
5ª a 8ª série incompleta do ensino fundamental	2	6,2
5ª a 8ª série completa do ensino fundamental	2	6,2
Ensino médio incompleto	2	6,2
Ensino médio completo	8	28,7
Curso Superior	7	24,5
Pós-graduação	2	11,0
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>100</b>

Fonte: Trabalho de campo, 2005.

**Gráfico 2: Perfil dos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato em relação ao estado civil**



Fonte: Trabalho de campo, 2005

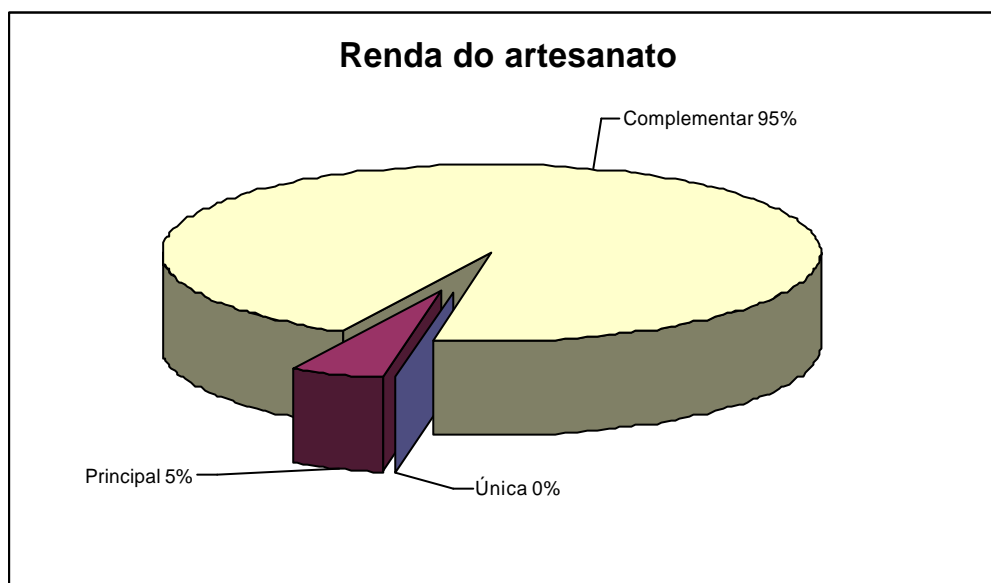
O atual grupo existe há cerca de três anos e surgiu de um projeto denominado Empreender<sup>4</sup>, o qual reuniu um conjunto de artesãos da cidade a fim de contemplar o projeto acima mencionado, ou seja, o grupo foi organizado devido à atividade produtiva comum entre seus componentes.

Com o passar do tempo, o Projeto Empreender terminou e uma de suas componentes, irmã Zélia, assumiu a liderança do grupo, o qual, recentemente se transformou em associação, denominada Associação Três-Lagoense de Artesanato (anexo 01).

<sup>4</sup> Projeto do Sebrae que apóia as Associações Comerciais e Empresariais organizando núcleos setoriais e valorizando o aspecto associativo.

Vale ressaltar que, de acordo com a líder do grupo pesquisado, para alguns de seus componentes a renda oriunda da produção e venda do artesanato é necessária para seu sustento; para outros, a renda não é o fator principal e sim, atividade terapêutica. Porém, a pesquisa realizada junto aos componentes apontou que, apesar de nenhum dos entrevistados afirmar ser o artesanato a única fonte de renda, a maioria (95%) informou que é complemento (Gráfico 3)

**Gráfico 3: A renda do artesanato para os artesãos da Associação Três-Lagoense de Artesanato**



Fonte: Trabalho de campo, 2005.

Com o intuito ainda de se identificar o perfil dos membros da Associação Três-Lagoense de Artesanato no que se refere às profissões por eles exercidas, a tabela abaixo (resultado da pesquisa) aponta uma relativa diversidade (Tabela 2).

**Tabela 2: Profissões dos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato**

Profissões	Total	%
Professor	8	28,5
Artesã	6	21,5
Do lar	2	7
Doméstica	1	3,6
Funcionário público	1	3,6
Mecânico	1	3,6
Pedagogo	1	3,6
	1	3,6

Zootecnista	7	25
Não responderam		
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>

Fonte: Trabalho de campo, 2005.

Em relação à maneira pela qual os componentes do grupo passaram a fazer parte do mesmo, os entrevistados, em sua maioria, afirmaram ter sido através de convite de outro componente; um deles foi encaminhado pela Secretaria Municipal de Turismo e outro foi motivado pelo fato da mãe já ser integrante do referido grupo.

Ao se buscar identificar os motivos que levaram estas pessoas a aderirem ao grupo em pesquisa, observou-se que a maioria tinha interesse direta e exclusivamente pela atividade artesanal, principalmente a produção e divulgação do trabalho, ou seja, não havia, a princípio (para a maioria) um interesse voltado a relacionamentos e/ou outros. Neste aspecto foram detectadas as seguintes respostas:

- Aprender a trabalhar com o torno;
- Produzir em grande escala;
- Divulgar o trabalho;
- Conhecer outros artesãos;
- Para não ficar parado;
- Por gostar de fazer artesanato;
- Necessidade de pertencer a um grupo.

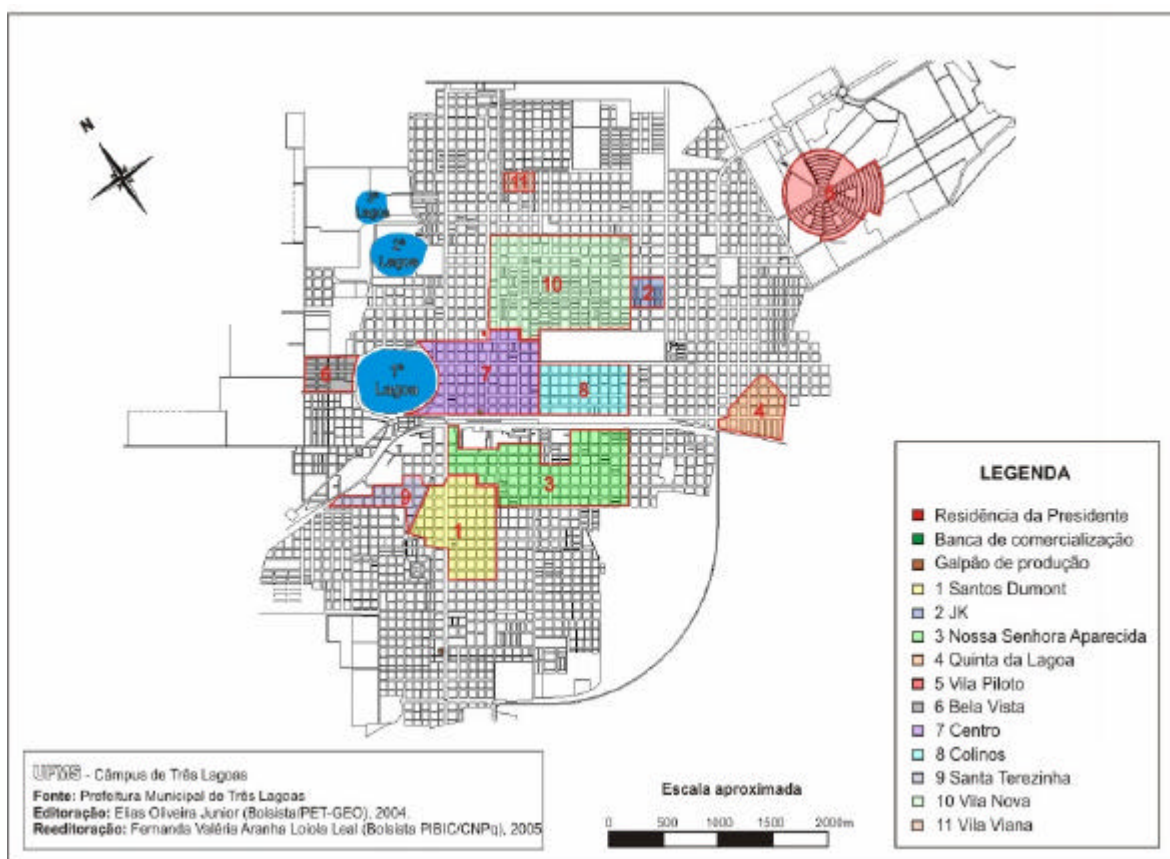
De acordo com a presidenta da associação, no que se refere à estrutura organizacional, antes mesmo de se tornar o grupo uma associação, observou-se a necessidade de haver uma comissão respondendo por ele e, atualmente, conta com uma diretoria administrativa (biênio 2005 – 2007) composta por: presidente, vice-presidente, 1ª secretária, 2ª secretária, 1ª tesoureira, 2ª tesoureira, diretor de eventos, conselho fiscal e conselho deliberativo (conforme anexo 1). Esta comissão foi

estabelecida por meio de eleição e todas as decisões são tomadas através de consenso entre seus componentes (anexo 01).

## **2.2 IDENTIFICAÇÃO ESPACIAL DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO – O LUGAR**

No que diz respeito à identificação espacial da Associação Três-Lagoense de Artesanato, tanto os locais de residência como os pontos de encontro não estão próximos uns dos outros (mapa 1). Seus componentes não residem no mesmo bairro e/ou região da cidade, as reuniões são realizadas na residência de sua presidenta que fica localizada no bairro Lapa, na porção norte, enquanto o galpão (foto1) onde são confeccionados os produtos com argila fica na região oposta, ao sul da cidade, a banca (foto 2) onde se comercializa o artesanato produzido está na área central da cidade e seus componentes não residem no mesmo bairro. Esta identificação nos induz a relacionar ao fato de a maioria não ter o hábito de manter encontros além dos estabelecidos pela comunidade porém, observou-se que este fato não interfere nos sentimentos que cultivam uns pelos outros: amizade e bem-querer.

### **Mapa 1: Bairros do município de Três Lagoas**



Fonte: Prefeitura Municipal de Três Lagoas

**Foto 1: Galpão – local de produção do artesanato em argila, setor sul da cidade.**



Fonte: Diettrich, 2005

**Foto 2: Banca – local de comercialização do artesanato, na área central**





Fonte: Diettrich, 2005

Ressalte-se, no entanto, que a teoria também compreende ser muito relativa a proximidade ideal para proporcionar as relações. Neste sentido, Kuhnen declara:

[...] como os animais, o ser humano necessita de um espaço vital mínimo, que corresponde a certas normas de distâncias e proximidade entre si. A distância ótima estabelecida dependerá das relações entre os indivíduos, dos sentimentos e de suas atividades. (KUHNEN, 2001)

A Associação Três-Lagoense de Artesanato é um exemplo do que preconiza a teoria quando afirma que os vínculos são criados pelas semelhanças, interesses e objetivos comuns independentes da aproximação física causada pelo espaço ocupado; pois possui estas características levando, seus componentes, a um relacionamento alicerçado na amizade, apesar de não residirem próximos uns dos outros. (Tabela 3)

**Tabela 3: Bairros em que residem os membros da Associação Três-Lagoense de Artesanato**

<b>Bairros</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Santos Dumont	4	14,4
Nossa Senhora Aparecida	3	10,7
Juscelino Kubitschek	3	10,7
Quinta da Lagoa	2	7,1
Vila Piloto	2	7,1
Bela Vista	2	7,1
Centro	2	7,1
Colinos	2	7,1
Santa Terezinha	1	3,6
Vila Nova	1	3,6
Vila Viana	1	3,6
Vila Santa Rita	1	3,6
Jardim Maristela	1	3,6
Não responderam	3	10,7
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>

Fonte: Trabalho de campo, 2005.

A não contigüidade espacial, característica do grupo de artesãos de Três Lagoas, não é fator determinante para que ele não seja considerado uma comunidade. Tal afirmação tem respaldo na teoria consultada. No entanto, pode-se observar que os componentes da Associação de Artesãos de Três Lagoas transformaram os espaços comuns utilizados pelo grupo (banca, galpão e casa da presidenta) em lugares, pois são espaços onde se concretizam as relações que proporcionam os sentimentos de amizade e bem-querer entre os membros e de apropriação em relação às localidades. As responsabilidades atribuídas a cada pessoa do grupo em relação aos espaços (cuidados e obrigações) permitem-nos a deduzir que são elas os fatores que dão o caráter de propriedade .

Percebeu-se ainda, que os espaços acima mencionados proporcionam satisfação pessoal e comum aos integrantes do grupo de artesãos, pois eles possibilitam a concretização da atividade considerada por todos como prazerosa, a confecção do artesanato e sua comercialização. (fotos 3 e 4 respectivamente)

**Foto 3: Artesãos na confecção do artesanato**



Fonte: Diettrich, 2005

**Foto 4: Artesãos na banca – local de comercialização**



Fonte: Diettrich, 2005

## 2.3 O TERRITÓRIO DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO

No que se refere aos relacionamentos existentes no grupo de artesãos de Três Lagoas proporcionados pelos encontros contínuos realizados, sistematicamente se dão da seguinte forma: duas vezes por mês acontecem reuniões para tomadas de decisões e troca de informações, sendo que as datas de reuniões são anualmente pré-estabelecidas e a cada dois meses o grupo organiza ainda reunião para confraternização. Os artesãos que trabalham com cerâmica (dezesseis pessoas) se reúnem ainda três vezes por semana (segundas, quartas e sextas-feiras, das 13h30min às 17h30min) para aprendizado, confecção das peças e aperfeiçoamento. Na banca, a cada período do dia, duas pessoas ficam de plantão. O cronograma é organizado mensalmente nas reuniões. Alguns dos membros do grupo ainda afirmam extrapolar os encontros pré-determinados através de visitas às residências.

Em pesquisa, os membros da Associação Três-Lagoense de Artesanato, quando questionados sobre os encontros mantidos entre eles e locais onde estes se dão, apontaram as seguintes afirmativas:

- Nas reuniões, nas comemorações, nos encontros;
- Os que são mais próximos, visita nas casas, telefona;
- No trabalho, nos eventos que participam, na loja;
- Amizade já permite visitas nas casas;
- Outros locais diversos, além das reuniões, pela amizade que já existia;
- Também nas confraternizações.
- Não ocorre, é difícil pela distância das residências;

Os estudos permitem verificar que dos espaços surgem, além dos lugares, também os territórios, sendo que estes últimos são caracterizados pela organização multidimensional (social, cultural, política e outras) dos aspectos material e imaterial. Le Bourlegat, compreende território como:

[...] porção de espaço terrestre sobre o qual um dado grupo,

comunidade ou sociedade se organiza, se vincula, se identifica e exerce poder ou controle. Envolve não apenas o aspecto físico ou material (ambiente natural e construído), mas o aspecto imaterial dessa organização (representações sociais, sentimentos de vinculação, comportamentos, valores, códigos, simbologias, organização política). (LE BOURLEGAT, 2004, p. 01)

Neste sentido, Raffestin considera que a transformação de espaço em território se dá a partir do uso, da apropriação e da forma em que ocorre este uso. Deste modo, o autor afirma:

[...] o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1981, p. 143)

Por conseguinte, entende-se que o território é investido de cultura, pois a atuação dos atores irá ocorrer conforme sua percepção de vida e de valores, dos significados que lhe são atribuídos. Le Boulergat, complementa e corrobora com esta conclusão ao afirmar que: “o capital intangível da comunidade, ao se articular com o ambiente construído no lugar, também lhe atribui significado e sentido.” (LE BOURLEGAT, 2000, p.20)

Além do uso, como característica de um território, destacam-se também as relações de poder que ocorrem num lugar a partir da apropriação e a delimitação conseqüente do poder estabelecido. Le Bourlegat, em sua compreensão de território, evidencia a questão do poder estabelecido através da apropriação, das relações e das regulações que transformam lugares em territórios. Verifica-se na afirmação da autora que:

Essas relações que envolvem controle e regulação sócio-espacial, emergem como ordem estabelecida, impondo-se através de regulações. Através de uma liderança e de normas, a sociedade é capaz de gerir seu próprio espaço, ou território, apropriando-se do mesmo, como seu lugar. Além do sentimento de pertença, elegendo o espaço como lugar, surge o sentimento de apropriação do espaço, incorporando o lugar como território, o chamado sentimento de territorialidade. (LE BOURLEGAT, 2004, p. 3)

A delimitação é, para Raffestin, um alvo de atenção ao tratar de território, pois, para ele, o limite se configura através dos objetivos traçados pelo grupo e/ou pela área que atinge o poder, ou seja, não há, para o autor, território sem limites. Neste sentido, Raffestin coloca:

Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a

relação que um grupo gera, de imediato, a delimitação. Caso isto não se desse, a ação se dissolveria pura e simplesmente. Sendo a ação sempre comandada por um objetivo, este é também uma delimitação em relação a outros objetivos possíveis. [...] Delimitar é, pois, isolar ou subtrair momentaneamente, ou ainda, manifestar um poder numa área precisa. (RAFFESTTIN, 1981, p. 153)

Relacionando a teoria, no que diz respeito ao conceito de território, à Associação Três-Lagoense de Artesanato, é possível apontar os itens que caracterizam um território (apropriação dos lugares, o uso, a regulação, o poder e o limite), presentes em todo o município de Três Lagoas, ou seja, não é possível eleger um ou alguns lugares em específicos como território deste grupo, pois, como já visto anteriormente, a atividade e a organização deste grupo estão presentes e envolvem diversos e distintos pontos da cidade: os diversos bairros onde se encontram as residências de seus componentes, locais de produção do artesanato (dentre eles, o galpão da cerâmica Zuque), casa da presidenta onde ocorrem encontros pré-determinados (reuniões agendadas para tomadas de decisões e/ou confraternizações), locais de encontros casuais e informais e locais de comercialização do artesanato produzido (a banca é o local fixo, além dos eventos dos quais participam), ou seja, o grupo atua em vários espaços.

Os sentimentos de tranquilidade e de liberdade de atuação nos locais freqüentados pelo grupo, denotando um sentimento de propriedade, são notados nos seus componentes, embora muitos destes lugares não sejam propriedades da associação.

Em relação à regulação do grupo nestes espaços, a mesma está presente na divisão das tarefas, nos horários estabelecidos para o trabalho e na presença de uma comissão que os representa; tudo isto previamente acordado por todos os seus membros, ou seja, nada ali é imposto. Os objetivos do grupo estão claramente estabelecidos pelos seus componentes, o que delimita o território.

## 2.4 CARACTERÍSTICAS COMUNITÁRIAS DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO

Para o grupo, tão ou mais importante que a produção de peças artesanais é o desenvolvimento da solidariedade e do companheirismo, mas entendem também que a satisfação (pessoal e grupal) plena depende ainda da realização profissional e, conseqüentemente, do retorno financeiro. Podemos observar isto nas afirmações da sua líder: “nós queremos, além da produção e da venda do artesanato, também o nosso desenvolvimento nós procuramos, entende? Nós procuramos criar solidariedade, o companheirismo, sabe? A ajuda mútua.” Como objetivo ainda, o grupo almeja o aperfeiçoamento do trabalho e o seu reconhecimento e assim afirma a presidente: “E então, além do produto, da comercialização nós queremos a solidariedade entre nós, nós queremos e queremos também a qualificação. Isso aí, nós buscamos a qualificação e estamos tentando bastante. Nós queremos atingir a comunidade com a nossa presença”.

Como já mencionado, o grupo de artesãos de Três Lagoas visa à produção e venda do artesanato produzido, o que lhe causa satisfação, pois além da renda auferida, isto significa também o reconhecimento do trabalho, o crescimento da qualidade dos produtos confeccionados, através da qualificação dos artesãos, e ainda o bom relacionamento entre seus membros, observado, não somente nas afirmações da presidenta do grupo, como também pelos demais componentes, conforme demonstra o quadro abaixo (Quadro 1).

**Quadro 1: Objetivos dos componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato**

Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que o grupo se torne bem conhecido;</li> <li>• Progredir bastante na base do artesanato;</li> <li>• Se fortalecer bastante no artesanato;</li> <li>• Divulgar mais;</li> <li>• Ver o produto exposto em uma loja, exposto para comunidade adquirir;</li> <li>• O progresso de todos juntos;</li> <li>• Ser reconhecido;</li> <li>• Valorização do trabalho;</li> <li>• Ter uma loja;</li> <li>• Descobrir a identidade de Três Lagoas no artesanato.</li> </ul>

Fonte: Trabalho de campo, 2005.

Estas afirmações dão-nos subsídios para identificar, se não uma comunidade, ao menos um importante ponto convergente, se concordarmos com autores apresentados neste estudo que consideram que as comunidades são caracterizadas por possuírem interesses comuns e busca do bem-estar aos seus membros, através de suas potencialidades. Estes autores acreditam que nelas os objetivos não são individuais e sim grupais, porém, capazes de realizar a cada um, particularmente.

Acredita-se, portanto, que a forma com que se dão os relacionamentos entre os componentes de uma comunidade irá influenciar no alcance dos objetivos traçados, ou seja, o bom relacionamento é um fator positivo, pois proporciona união e força. Na Associação Três-Lagoense de Artesanato, não foi detectado nenhum problema neste sentido, já que os seus membros afirmaram manter um bom relacionamento com os demais.

Afirmando ser a melhoria dos relacionamentos uma das maiores preocupações do grupo e que isto se dá paulatinamente, a presidenta informou que atualmente já se pode observar uma evolução. Destacaram-se, das afirmações da presidenta, algumas que pautaram esta afirmação:

- *Aí o Sebrae colocou uma psicóloga seis meses conosco. Seis meses trabalhando relacionamento interpessoal, tirando as arestas... sabe que existiam. Aquelas arestinhas assim: eu sei fazer, o outro não, meu trabalho está na frente, não sei o quê, tudo isso foi acabando. É por isso que nós chegamos nessa amizade entre nós, sabe? Estamos bastante próximos.*
- *Porque nós melhoramos muito por causa desse acompanhamento psicológico, porque qualquer fato que acontecia no grupo, aquele fato era trabalhado até ser entendido. Era sério!*
- *...então nós fomos convidados pra colocar nosso artesanato lá. Então das 28, vão só quatro pessoas, mas vão o trabalho de todas. Nós conseguimos isso aí, e assim... com eficiência, viu?*
- *... nós fazemos promoções, e trabalha na promoção quem vai e quem não vai. Quem não vai, trabalha ajudando quem vai. Isso eu acho muito bonito, muito bonito mesmo.*
- *Então hoje eu já vejo a aceitação do outro que é mais lento, aceitação do outro que não tem paciência nenhuma, sabe....? Isso é muito bom, essa aceitação do limite do outro.*



Novamente pode-se observar que há, no grupo analisado neste estudo, a evidência marcante de solidariedade, companheirismo, ajuda mútua, espírito de grupo e de união, características de comunidade.

A presidenta do grupo acredita que, para uma comunidade ser considerada como tal, é essencial que haja uma doação muito grande de cada um dos seus componentes, pois nela o bem estar de todos é mais importante que o de cada um particularmente. Assim sendo, apesar de verificar que a associação tenha sofrido grandes evoluções neste sentido e de que seja este um dos seus objetivos, não considera a Associação Três-Lagoense de Artesanato uma comunidade, talvez, segundo ela, pelo pouco tempo de existência. Ela acredita que há grandes possibilidades para que isso venha a ocorrer. Em entrevista, afirmou:

- *Olha, coisa interessante: quando nós estávamos no começo da cerâmica, era assim: minha peça aqui, minha panela, minha... E nós fomos trabalhando: que isso, gente? É de todos. Hoje já fala, hoje nós já estamos trabalhando.*
- *Antes era assim: eu fazia minha peça e dava acabamento. Hoje está: um grupo levanta a peça, a outra dá o primeiro acabamento e a outra dá o final, então nós já quebramos. Isso aí é de comunidade, essa relação, né? Nós já estamos trabalhando por um todo, né? Mas, isso aí de vez em quando escapa: cadê minha panela?*
- *Um dos passos que nós já demos para a vida em comunidade, né, a compra em conjunto; então trabalha com isso, a outra também e a gente vai a São Paulo, a gente traz, entende? Já faz compra em conjunto...*
- *Mas já tem bastante pinceladas comunitárias entre nós, viu?*

Para que se torne uma comunidade, a irmã acredita que falta ainda mais aproximação das pessoas do grupo, mais doação, renúncia, aceitação das diferenças do outro e isto se deve ao fato do grupo ser formado por pessoas vindas de lugares diferentes, com histórias, experiências, classes sociais, idades e principalmente interesses distintos e o pouco tempo de convivência necessário para aperfeiçoar as relações. Em sua concepção, a irmã Zélia aponta alguns itens necessários para que o grupo se torne uma comunidade. Ela comentou: “*Porque aí o “eu” tem que estar a serviço do “nosso”. Então até esse “eu” ficar colocado a serviço do “nosso”, né? [...] Exige muito: exige renúncia, exige doação. Exige você não partir o pensamento de você, mas do outro, você se colocar a serviço do outro, entende?*”

Em contrapartida, para a maioria de seus componentes, o grupo de artesãos em estudo, é considerado comunidade na medida em que sentem uma grande satisfação em pertencer a ele e consideram que existe uma grande amizade e companheirismo entre os membros que o compõem. Quando questionados se consideram o grupo uma comunidade, obtiveram-se as seguintes respostas:

- *Sim. Você viu que aqui nós chegamos aqui e nós somos um todo, né? Eu acho que uma comunidade é uma congregação de indivíduos que pensam e agem como um todo e esse todo é um todo mesmo, não tem fração nesse todo.*
- *Considero sim. Porque eu acho assim que a gente convivendo nesse dia a dia, então a gente começa a conversar, começa a saber do outro. Acho que é nesse sentido, né? Comunidade nesse sentido, né, porque.... eu acho que sim.*
- *Ah! Eu acho, eu acho. Ah! Todo mundo junto aqui. É, olha, é muita afinidade, sabe. É muito companheirismo. A gente fica.... é um trololó sem fim, sabe. Além de ser um trabalho, é uma terapia. Aqui se conversa, se distrai. Você fica sabendo o que ta acontecendo e a gente trabalha em busca de um objetivo comum que é ser reconhecido, ganhar dinheiro, poder se sustentar com este trabalho. Então por isso que eu acho.*
- *Ah! Eu acho. Porque é uma festa lá, todo mundo se dá bem e bom é ... cada um preocupa, por exemplo, esses dias tinha uma senhora lá, a gente chama ela de vó, velhinha... Ela ficou doente e iche e todo mundo, todo dia preocupava e tentava visitar e ficava bem preocupado com a velha. Tem outra também, a Angelina, que agora concorreu a (como que chama..?) presidente de bairro e agora também tá meio que afastada lá e o povo fica sempre perguntando dela também. Então eu acho que é uma comunidade sim.*
- *Comunidade.... tem muitos itens pra ser uma comunidade, né? Mas já um grupo maduro, você entendeu? Que já assim, bem entrosado. Uma comunidade assim, não sei, mas já está bem encaminhado pra isso.*

## 2.5 CARACTERÍSTICAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL NA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO

No conceito de Desenvolvimento Local, os fatores endógenos e exógenos são características desta atividade, uma vez que sua prática requer estratégias tanto de dentro para fora como de fora para dentro. Para Ávila, as duas são essenciais, porém a que surge da comunidade (fator endógeno) deve receber uma importância maior. (ÁVILA, 2000) Por conseguinte, para que estas estratégias surjam de um grupo, este deve estar harmonicamente organizado.

Na Associação Três-Lagoense de Artesanato, atualmente, os fatores endógenos já se sobrepõem aos exógenos. As necessidades são detectadas pelos seus membros e a ajuda externa é recebida quando solicitada por eles. Apesar de “andar com as próprias pernas”, conta com o apoio de órgãos públicos e particulares. Essa conclusão pautou-se também em algumas afirmações da líder do grupo:

- *“... nós temos ido à prefeitura pedir mais algumas coisas, por exemplo: os suportes, já mandaram; pedimos também uma mesa, porque nós estamos usando a do Sabino, né. E a prefeitura disse que tá bem, este mês nós vamos receber, então agora ficou mais parceria definida.”*
- *o Sebrae nos ajudou bastante [...]depois eles gostam que a gente vá tomando o rumo, né? O próprio rumo, e nós temos feito isto. A gente faz promoção, a gente faz de tudo ....”*

Em relação ao apoio do SEBRAE à Associação Três-Lagoense de Artesanato, pode-se afirmar que a primeira é imprescindível para o desenvolvimento do grupo. Este apoio se deu desde o surgimento do Projeto Empreender em parceria com Associação Comercial de Três Lagoas, através da oferta de palestras e treinamentos para que este grupo viesse a ser uma associação ou cooperativa (os componentes optaram pela associação).

Na mesma época o SEBRAE ofereceu um treinamento de desenvolvimento interpessoal ministrado por uma psicóloga, com um ano de monitoramento e encontros mensais, a fim de melhorar o relacionamento entre os membros do grupo. Outro objetivo deste treinamento foi o de tornar o grupo independente, ou seja, fazer com que ele próprio assumisse este processo, e assim, as instituições serviriam somente de apoio, pois as iniciativas deveriam partir do próprio grupo.

Outro momento de apoio do SEBRAE à Associação Três-Lagoense de Artesanato foi quando da concessão de um meio de transporte para o grupo até a cidade de São Paulo, com o propósito de seus membros participarem da feira de artesanato denominada Robiart. O projeto solicitando o apoio em forma de transporte foi

idealizado e elaborado pelo grupo.

Atualmente o SEBRAE proporciona cursos de capacitação e aperfeiçoamento de técnicas no trabalho com argila e está buscando, através de profissionais da área, identificar elementos e formas que possam representar o município de Três Lagoas no artesanato por isso, técnicos do SEBRAE sugeriram montar uma oficina de cerâmica, pois foi constatado que a matéria prima local, em abundância, para trabalhar o artesanato é a argila.

O SEBRAE ainda, em parceria com a Prefeitura e o Senai, ofereceu um treinamento denominado por eles de oficina de cerâmica, em uma empresa de Três Lagoas, chamada Cerâmica Zuque. O empresário ofereceu o local para o treinamento e para que a associação continuasse a produção, ofereceu também a massa de argila, já marombada. A iniciativa deu tão certo que a Prefeitura, sozinha, bancou o módulo de aperfeiçoamento desta oficina. Paralelamente a isto, o SEBRAE deu sequência ao monitoramento do desenvolvimento interpessoal e este ano um dos seus objetivos é realizar o curso de design, onde será desenvolvido um produto único deste grupo no Estado.

Não somente os fatores endógenos e exógenos, características de Desenvolvimento Local, estão presentes na Associação Três-Lagoense de Artesanato, mas pode-se verificar também que os demais itens que identificam Desenvolvimento Local estão presentes neste grupo, como: organização (estruturado em forma de associação), utilização de suas potencialidades (confeção de artesanato), participação, solidariedade, necessidades e busca de melhorias (objetivos comuns dos componentes do grupo) e sentimento de pertença.

## **CAPÍTULO 3**

# **A ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO NO CONTEXTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM TRÊS LAGOAS**

### **3.1 O ARTESANATO COMO PRODUTO TURÍSTICO**

Não se vislumbrou, para este capítulo, um início mais apropriado, senão a partir da compreensão de artesanato, pautado no que preconiza a teoria. Em 1967, Rabello procurou definir artesanato, porém não se sentiu satisfeito em suas definições. Em um primeiro momento conceituou trabalho artesanal como “[...] aquele cujo produto tem a marca da habilidade do trabalhador.” (RABELLO, 1967, p.17), porém o autor não se contentou com a definição apresentada, já que várias tarefas exercidas pelo homem dependem da aptidão de quem o executa e não se enquadram como artesanato, como por exemplo algumas tarefas domésticas que possuem estas características mas não podem ser enquadradas como artesanato. Então o autor apresenta uma nova definição, afirmando ser artesanato “[...] o trabalho predominantemente manual de que provém um objeto comerciável.” (RABELLO, 1967, p.17). No entanto, ele ainda não se convence de que seja esta a melhor conceituação para tal atividade, na medida em que diversas atividades de características ou feições que revelam a habilidade do homem, nem sempre visam ao mercado de consumo.

Na atualidade, pode-se apoiar na definição de Lima e Azevedo que consideram como artesanato os bens produzidos manualmente, nos quais estão presentes a criatividade ou a habilidade e participação efetiva do agente produtor em sua confecção, podendo este utilizar-se de máquinas ou ferramentas. Outra característica apontada pelos autores citados é que a realização desta atividade deve se dar em ambiente doméstico ou em pequenas oficinas, postos de trabalho ou centros associativos. (LIMA e AZEVEDO apud VIANA, 2004).

Na mesma perspectiva Sigrist conceitua artesanato, porém a autora enfatiza que os objetos devem possuir uma função utilitária e afirma: “Considera-se artesanato todo objeto confeccionado por uma pessoa ou pequeno grupo, com características domésticas, cuja função é utilitária. O objeto produzido pelo artesão tem uma utilidade prática no seu cotidiano, seja para fins domésticos, de trabalho ou religiosos.” (SIGRIST, 2000, p. 77)

Da mesma forma que conhecer os conceitos de artesanato ou talvez mais importante é entender que estes objetos artesanais carregam outro grande significado, o de estarem (tanto o processo como o produto) inseridos em relações sociais. (SIGRIST, 2000). Portanto, entende-se que para se reconhecer verdadeiramente o valor de um artesanato faz-se necessário o conhecimento de como se dá o processo de fabricação, incluindo quem os fabrica. Sigrist, neste sentido, atesta que: “Ao estudar os objetos artesanais, é de fundamental importância entendê-los em relação àqueles que os produzem (artesãos) e em quais condições sociais, econômicas, de trabalho, os mesmos criam e se expressam.” (SIGRIST, 2000, p. 78)

Ao se acordar com o pensamento da autora acima citada, entende-se que os objetos artesanais são resultados da percepção de vida de uma pessoa e/ou um grupo, ou seja, é uma das formas de expressão utilizadas; portanto, conclui-se que o artesanato representa a cultura de uma comunidade.

A partir deste pensamento acredita-se necessário abrir, neste capítulo, um parêntese para discussão de cultura, buscando-se, com isto, enriquecer e aprofundar esta discussão. Considerou-se importante entender cultura através de seus conceitos, uma vez que a compreensão deste fenômeno dá-nos subsídios para entendermos as diferenças existentes entre as populações.

### **3.1.1 CULTURA E ARTESANATO**

Compreender o significado de cultura é importante, na medida em que, entendendo-se as diferenças de comportamentos e pensamentos, somos capazes de perceber que isto não faz um povo melhor ou pior que outro, apenas identifica sua percepção de vida. Estas diferenças são expressas através da culinária, vestimentas, música, religião, danças, crenças, rituais, entre outros, ou seja, através do modo de compreender um fato e agir diante dele.

No que diz respeito aos conceitos de cultura, na ótica da Antropologia Social e da Sociologia, podemos citar a afirmação de Damatta, que apresenta cultura como:

“[...] um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas [...], um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado” (DAMATTA, 1987, p.4), enquanto Santos complementa e sustenta este conceito, enfatizando as peculiaridades de cada um dos povos, quando afirma: “A cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”. (SANTOS, 1996, p.8)

Estes diferentes modos de pensar, agir, sentir, são incorporados pelas sociedades e acabam por ditar regras comportamentais, conforme é colocado por Rodrigues, que afirma:

[...] O comportamento individual está subordinado a determinados códigos – muitas vezes inconscientes – que programam coletivamente a maneira de agir, de pensar e sentir consideradas adequadas ou justas, e que estes comportamentos – quer se conformem às normas coletivamente estabelecidas quer delas se desviem – são inexoravelmente mensagens significantes e expressam a natureza do sistema social (RODRIGUES, 1983, p. 44)

A literatura ainda define, atualmente, cultura como patrimônio cultural, uma vez que este se refere a tudo que expressa a identidade de uma sociedade.

Até a primeira metade deste século, partindo da relação que se faz do conceito de patrimônio cultural com tudo que pode perpetuar a história de uma nação, consideravam-se como tal somente as obras de arte no espaço, como a pintura, escultura e a arquitetura. Partindo desta mesma concepção, entendeu-se mais tarde que da mesma forma que os bens tangíveis reproduzem e perpetuam a história, os intangíveis assim também o fazem. A partir daí, os utensílios, hábitos, fatos, conhecimentos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compõem a sociedade, são envolvidos pelo conceito de patrimônio cultural, pois, da mesma forma, identificam uma nação. (BARRETO, 2000). Nesta perspectiva, podemos entender que cultura e patrimônio cultural convergem (atualmente) plenamente em seus aspectos conceituais.

Nos tempos atuais, a valorização da cultura popular vem ganhando forças como forma de revanche à cultura de massas decorrentes da globalização, baseada, segundo Santos, no território, no trabalho e no cotidiano. Suas formas típicas se dão devido aos baixos níveis de técnica, de capital e de organização. (SANTOS, 2001) Segundo ainda o mesmo autor, a cultura de massa, aparentemente forte, não tem, ao contrário da cultura popular, força suficiente para se fixar. Neste contexto de cultura

popular em destaque atualmente, podemos incluir o artesanato como uma das formas de manifestação.

No que diz respeito à relação entre artesanato e cultura, reafirma-se o pensamento de que o artesanato é uma das formas de um povo se expressar, representando sua cultura e a de sua localidade. O significado destas peças está presente desde o material utilizado, modo de fabricação (técnica), ferramentas, cores, formas, desenhos e outros componentes necessários, ou seja, vai muito além da peça em si, da peça pronta, envolve também todo o processo onde a cultura também está presente, já que em cada etapa deste trabalho está presente o conhecimento e a compreensão de vida de seu autor, pois ele está direta e efetivamente envolvido neste processo. Também a matéria prima e as ferramentas utilizadas são aquelas que estão ao seu alcance, ou seja, as existentes na sua localidade.

Então, quando um artesão confecciona uma travessa de argila em formato de peixe, por exemplo, é porque a argila, a travessa e o peixe são e/ou estão presentes em sua vida, seu cotidiano, possuem um significado para ele, para a localidade à qual pertence. É uma representação, conta parte de sua história. O modo como ele confecciona e as ferramentas que utiliza são as que ele têm à sua disposição, ele não importa nenhum ambiente, ferramenta ou matéria prima. Dificilmente um artesão produziria uma peça que não fizesse parte de sua realidade de vida; portanto, as peças de artesanato são únicas de cada local, tornando-se assim um diferencial da localidade e potencial atrativo a ser explorado pela atividade turística.

.

### **3.1.2 CULTURA E ARTESANATO NO TURISMO**

Retornando-se ao assunto proposto inicialmente através do tema deste capítulo: “O Artesanato como Produto Turístico”, considerou-se necessário entender a atividade turística a partir da definição de turismo, os motivos pelos quais ele é realizado e os serviços que o envolvem, para então perceber-se que relação direta tem esta atividade com o desenvolvimento da localidade que a pratica.

Entender turismo através de seus conceitos teóricos é considerar diversos aspectos que fazem parte de uma sociedade. Em sua essência, a atividade turística só é possível através do deslocamento para destino diferente do local em que a pessoa habita e da sua permanência nesta localidade, adquirindo, como consequência, bens e/ou



serviços oferecidos pela localidade receptora. Para que isto ocorra de forma eficaz, compreende-se necessário um planejamento que envolva a população bem como elaboração de políticas públicas bem definidas. Diante do exposto, podemos afirmar que o turismo envolve os aspectos sociais, culturais, econômicos e os políticos.

No que se refere aos aspectos culturais e partindo do pressuposto de que sempre que ocorrer o turismo haverá o contato entre populações distintas que manifestam sua compreensão de mundo de formas diferentes, entende-se que, para o estudo do turismo, é que se considerou necessário também buscar compreender a questão cultural e suas relações. Embora estas relações aconteçam de diversas formas, como: fator motivador para realização da viagem pretendida, como parte do cotidiano da localidade receptora ou ainda como uma atividade desenvolvida direcionada ao turista, nota-se que o contato que existe entre os turistas e a população receptora, ou seja, entre culturas diferentes, existe sempre que o turismo acontece, motivo pelo qual conclui-se que não se pode ignorar o fator cultural na pretensão de entender o turismo. Tuan corrobora este pensamento, afirmando que: “A percepção e os julgamentos do meio ambiente das pessoas nativas e dos visitantes mostram pouca coincidência, porque suas experiências e propósitos pouco têm em comum.”(TUAN, 1980, p. 285)

No que se refere à definição de turismo, considera-se em seu conceito o deslocamento, período de estada no local visitado e a motivação que leva as pessoas a se deslocarem. Envolve ainda os aspectos culturais e sociais, na medida em que há um contato entre culturas distintas, abrangendo ainda a questão econômica, devido à necessidade de consumo, por parte dos turistas, de diversos serviços que envolvem direta ou indiretamente esta atividade. Desta forma, De La Torre coloca:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE apud BARRETO 1997, p.13)

Considerando os mesmos aspectos apresentados por De La Torre, Oliveira em sua conceituação de turismo afirma ser esta atividade: “[...] o conjunto de resultados de caráter econômico, financeiro, político, social e cultural, produzido numa localidade, decorrente da presença temporária de pessoas que se deslocam do seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea e sem fins lucrativos.” (OLIVEIRA, 2000, p. 32)

De acordo com Andrade, a atividade turística compreende uma gama de atividades e serviços, dentre os quais estão os produtos típicos da localidade receptora como o artesanato. Assim sendo, expõe em sua definição: [...] complexo de atividades e serviços relacionados ao deslocamento, transporte, alojamento, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento. (ANDRADE, 2001, p.38),

Em definição mais ampla, onde se discutem outras perspectivas além das econômicas, mas também as sociais e artísticas (no sentido da capacidade de estabelecer e satisfazer as necessidades dos clientes), MacIntosh descreve que o turismo não é definido apenas através de componentes empresariais, mas também como a “ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes, alojá-los e cortesmente satisfazer suas necessidades”. (MACINTOSH apud BENI 1998, p.36)

De acordo com os autores abordados, pode-se entender o turismo como uma atividade econômica, a qual, para a sua execução, depende fundamentalmente de tempo disponível de quem o pratica e do interesse deste (motivação) para se deslocar a uma determinada localidade, sendo que dentre os diversos fatores que podem atrair o turista, os culturais são considerados importantes aspectos de atratividade. (IGNARRA, 2001)

Observa-se que, também para De La Torre, a questão cultural é um dos fatores motivador para que os deslocamentos aconteçam e, considerando que é natural, na maioria das pessoas, haver um grande interesse em conhecer e aprender, a valorização da cultura local é um fator preponderante capaz de interferir na opção de um determinado lugar.

Demonstrar interesse pela cultura da localidade visitada, independentemente do tipo de turismo que está sendo praticado é comportamento comum aos turistas em geral, reafirmando-se o pensamento anterior de que a questão cultural é fator decisivo para a efetivação da atividade turística. Desta forma, Barreto afirma que: “[...] pode-se dizer que o turista é essencialmente uma pessoa que procura conhecer, passear, desfrutar de outro lugar diferente daquele em que mora” (BARRETO, 2000, p.23), e complementa:

A não ser em casos e momentos excepcionais, em que os turistas ficam confinados em áreas restritas [...] os turistas sempre serão vistos flanando, andando, olhando, contemplando as belezas naturais, o pôr-do-sol, os prédios, as vitrines, as ruas, o movimento, as pessoas e seus afazeres (BARRETO, 2000, p.22).

Martins, da mesma forma, compreende que a motivação de viagem está diretamente relacionada ao interesse em conhecer a cultura do local visitado, afirmando:

O turismo vende muito mais do que a paisagem a ser contemplada, do que o lazer, a diversão ou o exótico. Vende igualmente expectativas, história, lendas e contos; vende todas as possibilidades de fluir a imaginação e o pensamento nostálgico do turista quando em interação com a paisagem; vende a ilusão consubstanciada na expectativa do desconhecido. (MARTINS, 2005, p.7)

Pesquisa aponta que o interesse cultural por parte dos turistas vem se tornando uma das motivações principais para a realização de viagens. Enquanto que em 1980, 48% dos norte-americanos viajavam para a Europa com a finalidade de compreender a cultura, em 1990 este número subiu para 88% do total de viagens realizadas. (CRAIK, 1997)

Em se tratando ainda da relação de turismo com a questão cultural, esta não está somente relacionada com o fator motivador para a realização de viagens, mas também tem relação com a população receptora que deve estar culturalmente preparada para atuar neste setor. Oliveira, nesta perspectiva, conceitua turismo como “[...] conjunto de resultados de caráter econômico, financeiro, político, social e cultural, produzido numa localidade, decorrente da presença temporária de pessoas que se deslocam do seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea e sem fins lucrativos.” (OLIVEIRA, 2000, p.32)

Uma outra abordagem em relação ao conceito de turismo é de que este está relacionado a uma gama de atividades e serviços, revelando, assim, outro aspecto da relação turismo, cultura e artesanato. Andrade, desta forma, assim define turismo: “complexo de atividades e serviços relacionados ao deslocamento, transporte, alojamento, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento.” (ANDRADE, 2001, p.38) Portanto, o artesanato é uma forma de contato com a cultura local, com uma característica especial: a de ser adquirida, ou seja, através do artesanato o turista pode levar consigo (materialmente) uma representação de sua experiência naquela viagem, motivo pelo qual, nas localidades eminentemente turísticas, a comercialização do artesanato vem sendo valorizada. Sigrist, neste sentido, atesta: “Nas viagens, os turistas desejam estar em contato com os costumes do local visitado e adquirir peças que representam a materialização dos aspectos culturais da região. A comercialização da cultura tornou-se, então, um dos pontos mais fortes para o turismo no Brasil.” (SIGRIST, 2000, p. 127) A mesma autora ainda complementa: “O turista valoriza o

artesanato e os *souvenirs* são troféus que ele exhibe ao chegar a sua terra, devendo esses objetos conter a cultura local e caber na bagagem do viajante. O *souvenir* é, portanto, o aspecto tangível de tudo o que ele viu, que pode ser levado para sua casa.” (SIGRIST, 2000, p. 128)

Baseado nas afirmações acima apresentadas, acredita-se, portanto, que para o turista se interessar pelo objeto artesanal, este deve remeter ao lugar visitado, o qual fornecerá a matéria-prima que possibilitará a confecção de peças típicas, exclusivas daquele lugar, causando maior interesse ao turista.

Como o produto turístico é composto, além dos atrativos, de serviços turísticos, o turista para poder usufruir um atrativo turístico necessita consumir uma série de serviços, sendo os principais: os meios de hospedagem, alimentação, agenciamento, transportes turísticos, locação de veículos e equipamentos, eventos, espaços de eventos, entretenimentos, informação turística, passeios e comércio turístico (IGNARRA, 1999). Pode-se perceber, então, um outro aspecto do artesanato na atividade turística, ou seja, além de poder ser um atrativo por representar a cultura de uma localidade, também pode se apresentar como um serviço turístico. Porém, vale ressaltar que “[...] não basta que o serviço esteja disponível ao turista. É preciso que o mesmo apresente um padrão de qualidade que é medido por vários aspectos.” (IGNARRA, 1999, p. 55).

Nesse sentido, além da diversidade de serviços que compreende o turismo, ressalte-se que estes não são suficientes por si só; faz-se necessário que os mesmos sejam de qualidade em todos os seus aspectos, conforme descrito por Ignarra, a fim de que esses serviços atendam as necessidades e expectativas específicas de cada segmento turístico.

Outro aspecto a ser cuidado diz respeito aos impactos do turismo para que estes não alterem a forma de produção e as características dos objetos artesanais oferecidos aos turistas, mantendo-os como únicos da localidade visitada. O cotidiano deve ser valorizado pelo turismo cultural e a cultura não deve, portanto, ser uma manifestação apenas para mostrar ao turista. (IGNARRA, 2001). No entanto, pode-se observar que a demanda pode influenciar sobremaneira na descaracterização do artesanato. Conforme Ignarra, um dos impactos do turismo está relacionado ao artesanato; para o autor:

A demanda existente por determinados tipos de artesanato faz com que haja necessidade de aumento da oferta. Esta exigência pode fazer com que os processos produtivos sejam alterados para satisfazer à

necessidade de atender o crescimento da demanda. No entanto, a qualidade do artesanato está exatamente na utilização dos métodos tradicionais de produção.

Outro impacto relaciona-se também à influência da demanda. Há uma tendência de padronização do artesanato de acordo com a maior demanda existente. Assim, o mesmo artesanato é encontrado nas regiões mais diferentes do Brasil, com formações culturais mais diversas. A maior procura por um determinado tipo de artesanato faz com que os artesãos das regiões mais diferentes passem a produzir esses elementos.

A própria desfiguração do artesanato é observada em função de determinadas demandas turísticas [...] (IGNARRA, 2001, p. 122)

O turista, então, deve ter acesso ao artesanato como também aos lugares de produção e venda, pois este produto, conforme já mencionado neste estudo, é aspecto importante da atividade turística. Ignarra, nesta perspectiva, coloca:

Outro elemento importante na composição do produto turístico é o artesanato. O visitante deseja comprar lembranças típicas dos locais que ele visita. Assim, colocar à disposição do visitante locais para que ele possa comprar o autêntico artesanato é muito importante, como também é importante possibilitar ao turista o acesso às oficinas de produção artesanal, para que ele acompanhe as técnicas de elaboração do artesanato. (IGNARRA, 2001, p. 120)

Pela sua complexidade, o turismo é subdividido em tipos que existem devido à diversidade decorrente de formas de educação e das diferentes culturas, pela desigualdade do poder aquisitivo, dos níveis pessoais e grupais e pela própria diversificação de oportunidades e de necessidades atendidas. O turismo de férias, turismo de negócios, o desportivo, de saúde, religioso e o turismo cultural constituem a tipologia apontada por Andrade (1995). No entanto, apesar de ter sido apresentada, neste trabalho, a relação estreita entre o artesanato, o turismo e a cultura, considera-se relevante ressaltar que o artesanato é aspecto preponderante em todos os tipos desta atividade.

### **3.2 O ARTESANATO PRODUZIDO PELA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO**

Além do já mencionado artesanato em argila, a Associação Três-Lagoense de artesanato produz trabalhos com as seguintes técnicas: mosaico, macramê, decoupage em madeira e pano, confecções de bonecas de pano, flores de meia de seda, biscuit, trabalhos com jornais, chinelos bordados, variedade de bolsas, pintura

em tecido e seda, panos de prato, sabonetes artesanais e velas. (fotos 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 respectivamente)

**Foto 5: Artesanato em argila – antes de queimado**



Fonte: Diettrich, 2005

**Foto 6: Peças de artesanato com argila.**



Fonte: Diettrich, 2005

**Foto 7: Peças de artesanato com argila.**



Fonte: Diettrich, 2005

**Foto 8: Peças de artesanato expostas na banca.**





Fonte: Diettrich, 2005

**Foto 9: Artesanato exposto na banca**



Fonte: Diettrich, 2005



**Foto 10: Artesanato exposto na banca**



Fonte: Diettrich, 2005.

**Foto 11: Artesanato exposto na banca**



Fonte: Diettrich, 2005

**Foto 12: Peças de artesanato expostas na banca.**



Fonte: Diettrich, 2005

**Foto 13: Peças de artesanato expostas na banca.**



Fonte: Diettrich, 2005

**Foto 14: Peças de artesanato expostas na banca.**



Fonte: Diettrich, 2005

Cabe ressaltar neste momento que a confecção destes produtos, ao contrário da cerâmica, é realizada isoladamente, ou seja, não proporciona encontros entre os membros deste grupo, porém, estes ocorrem nos pontos de venda (banca, eventos) e nas reuniões organizadas pela Associação.

Além da já mencionada banca, utilizada como ponto de venda das peças confeccionadas, os produtos são expostos e vendidos em diversos eventos realizados no Estado de Mato Grosso do Sul, como a Festa do Folclore em Três Lagoas, Festa das Nações em Campo Grande, Exposição do Artesanato em Brasilândia e outros.

Os artesãos da associação investigada declararam que praticam esta atividade pelo prazer que a mesma lhes proporciona e afirmam que mais importante que os benefícios financeiros oriundos da venda das peças produzidas é o que esta atividade representa em termos de reconhecimento e valorização do trabalho.

Percebe-se também que, com exceção da cerâmica, os demais produtos não possuem características que expressam a cultura local, ou seja, não são produtos exclusivos ou fabricados com matéria prima típica da cidade de Três Lagoas, o que, para a atividade turística, é de extrema importância, como já discutido anteriormente neste trabalho.

### **3.3 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS**

Acredita-se que o potencial turístico de uma localidade envolve diversos aspectos que a caracterizam, como: o histórico, o geográfico, o estrutural, cultural e outros. Neste sentido, é que se buscou, neste estudo, abordar o município de Três Lagoas em seus diversos aspectos.

Acredita-se também que o contexto turístico do Estado ao qual pertence este município é fator que pode contribuir para seu desenvolvimento neste aspecto, pois passa a fazer parte do roteiro para os que visitam o Estado. A partir deste pensamento é que se considerou importante, neste estudo, discorrer primeiramente sobre o Estado de Mato Grosso do Sul e suas potencialidades turísticas.

Mato Grosso do Sul pode ser destacado pelas suas características singulares: possui uma localização geográfica privilegiada, uma área total de 358.158,7 Km<sup>2</sup> onde abriga 2/3 da área do Pantanal, reconhecido como uma das mais exuberantes e diversificadas reservas naturais do planeta e como Patrimônio Natural da Humanidade; possui também um clima tropical e relevo de planície e planalto, e sua vegetação de cerrado e floresta tropical, abriga pelo menos 665 espécies de aves, duas mil de plantas e 263 espécies de peixes, o que atrai pescadores de todo o país. Conta ainda com vários rios, como: Paraguai, Paraná, Paranaíba, Miranda, Aquidauana, Taquari e outros. Referente à cultura, o Estado é rico em manifestações influenciadas pelos países vizinhos e pela população indígena, principalmente na culinária, na dança e na música. Podemos notar, então, que o Estado de Mato Grosso do Sul possui um potencial turístico muito rico, com destaque para o turismo ecológico, rural e de aventura.

De 1994 a 2000, o número de turistas que visitaram Mato Grosso do Sul cresceu em pelo menos quatro vezes e o Estado recebeu cerca de 1,5 milhão de visitantes em 2000. Enquanto o turista estrangeiro fica em média três dias no

Estado, gastando em torno de R\$ 100,00 por dia, o brasileiro permanece por até cinco dias, com despesas diárias de R\$ 80,00.

Os dados apresentados acima mostram que o turismo no Estado apresenta locais conhecidos e visitados por turistas de todo o mundo; também destaca que os turistas brasileiros, em relação aos benefícios financeiros, são os mais importantes para o Estado e isto, de certa forma, pode afetar o município de Três Lagoas.

Dentre os vários atrativos que o Estado possui, destacam-se o Pantanal e a cidade de Bonito, ambos com estrutura para receber turistas do mundo todo, oferecendo várias categorias de hospedagem, passeios organizados e outros serviços necessários para atender a demanda.

Em relação às cidades que podem ser destacadas, podemos mencionar a cidade de Três Lagoas, que é atualmente uma das maiores e mais emergentes do Estado.

Em se tratando de seus aspectos históricos, a cidade surgiu e se desenvolveu de uma forma bastante peculiar. Sua história se inicia em 1887, quando os criadores de gado Protázio Garcia Leal e Antonio Trajano dos Santos, chegaram à região, dando início à colonização que se expandiu com o ramal da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e a construção da ponte Francisco de Sá. Os engenheiros e demais trabalhadores da construção da ponte se instalaram às margens da Lagoa Maior, onde as primeiras casas de madeira começaram a surgir. Três Lagoas foi elevada à condição de município no ano de 1915 pela lei 706 de 15/06, data em que se comemora seu aniversário. Na década de 60, Três Lagoas recebeu um novo impulso para o progresso, com a construção das barragens de Jupia e de Ilha Solteira (formando o complexo Hidrelétrico de Urubupungá), no rio Paraná.

Atualmente, a cidade de Três Lagoas é também conhecida como a Cidade das Águas e considerada a Capital da Industrialização do Mato Grosso do Sul e seu crescimento (industrial) está em franca expansão, contando ainda com projetos importantes que visam à continuidade de seu progresso, como a passagem do Gasoduto Brasil-Bolívia que inclui a instalação de uma unidade de bombeamento de gás nas suas proximidades (a mais ou menos 20 km do centro da cidade), como também o Projeto da Revitalização da Malha Ferroviária Oeste da RFFSA, em função da privatização pela empresa americana Noel Group que deverá investir na modernização dos equipamentos e ampliação dos trilhos, objetivando o fortalecimento da região e a ligação direta com os portos marítimos do Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná.



No que se refere à atividade turística na cidade de Três Lagoas, a implantação do Programa da Costa Leste<sup>5</sup>, o levantamento das deficiências (carências) detectadas que dificultam o crescimento deste setor, apontam propostas para melhoria e desenvolvimento no município (anexo 2), além dos benefícios que já podem ser constatados, resultantes deste programa em parceria com o poder público com a iniciativa privada e comunidades envolvidas, através de capacitação de profissionais para atuar na área, cursos profissionalizantes, atuação de monitores ambientais a fim de valorizar o produto turístico, a existência de linhas de financiamento disponíveis para os empresários do APL (Arranjo Produtivo Local), além da criação de uma Câmara Técnica para reivindicar melhorias à região. (MERIGUE, 2004)

Outro projeto voltado ao desenvolvimento da atividade turística na região inclui o artesanato e propõe a sua integração nesta atividade através de quiosques de vendas destes produtos nos hotéis, bares, restaurantes, agências de viagens e pontos de atratividade turística nos municípios da região da Costa Leste. Trata-se do projeto “Integração do Artesanato no Turismo”.

Como já mencionado anteriormente, os dados geopolíticos também são considerados importantes quesitos na descrição de uma localidade, podendo, os mesmos serem considerados fatores de atração turística local ou não.

Três Lagoas possui uma área territorial de 12.857km<sup>2</sup>, latitude de 28°45'04, longitude de 51°40'42 e altitude de 319m acima do nível do mar. Seu clima é o tropical úmido e a temperatura média é de 27°. O relevo de Três lagoas é constituído de um vasto planalto, com leves ondulações, sendo mais acentuado na região oeste, abrangendo parte do distrito de Garcias, onde se destaca como acidente geográfico o Morro da Serrinha, e a vegetação predominante é o cerrado (gramíneo-lenhosa, arbórea densa e arbórea aberta). No que se refere à hidrografia do município, esta é composta pelo Rio Paraná e seus afluentes: Sucuriú, Verde e Pombo - além de ribeirões e córregos, tais como: Briosso, Campo Triste, Moeda, Palmito, Piaba, Prata, Boa vista, Cervo, Estiva, Lajeado, Pontal, etc. Sua população está estimada em 82.416 habitantes.

Três Lagoas possui uma privilegiada posição geográfica, estando localizada a leste do Estado de Mato Grosso do Sul, à margem esquerda do rio Paraná, na divisa com o Estado de São Paulo. Sua ligação com os principais pólos industriais do país e

---

<sup>5</sup> Rede de cooperação intermunicipal sob forma de associação da região do Estado de Mato Grosso do Sul, que inclui as seguintes cidades: Brasilândia, Três Lagoas, Bataguassu, Santa Rita do Pardo, Anaurilândia e Bataiporã, definida em março de 2002. Formada pelos gestores de turismo e cultura de cada município, tem o propósito de realizar um diagnóstico nos municípios envolvidos no que se refere aos produtos e serviços turísticos e elaboração de propostas de melhorias nesta área. Várias ações já ocorreram visando ao fomento e especialização das atividades turísticas. (MERIGUE, 2004)

com o litoral é feita através da Rodovia Marechal Rondon e da Castelo Branco. Já a ligação com sua capital, Campo Grande, com o Pantanal e a Bolívia é feita através da rodovia BR-262. (mapa 2).

Outras formas de acesso a Três Lagoas:

- BR-158 (rodovia que liga Três Lagoas a Selvíria)
- MS-385 (rodovia que liga Três Lagoas a Brasilândia)
- Hidrovia Tietê-Paraná;
- Ferrovia Novoeste;
- Aerovia.

### Mapa 2: Principais vias de acesso ao município de Três Lagoas



Fonte: [http://www.3lagoas.com.br/turismo/aspectos\\_fisicos.asp](http://www.3lagoas.com.br/turismo/aspectos_fisicos.asp)

Três Lagoas está situada a 310 km da capital sul-mato-grossense, Campo Grande; a 680 km da cidade de São Paulo e a 1130 km da cidade do Rio de Janeiro (Quadro 2).

**Quadro 2: Distâncias entre Três Lagoas e algumas cidades brasileiras.**

Cidade	Distância (km)
Campo Grande – MS	310

São Paulo	680
Rio de Janeiro	1130
Corumbá-MS	730
Rio Preto-SP	280
Araçatuba-SP	150
Bauru-SP	350
Jaú-SP	400
Ribeirão Preto-SP	500
Presidente Prudente-SP	210

Fonte: [http://www.3lagoas.com.br/turismo/aspectos\\_fisicos.asp](http://www.3lagoas.com.br/turismo/aspectos_fisicos.asp)

Além da sua potencialidade histórica e geopolítica, o município de Três Lagoas conta ainda com ambientes naturais, cultura típica sul-mato-grossense e patrimônio arquitetônico e urbanístico, com potencialidade para se tornarem atratividades turísticas. No que se refere aos ambientes naturais, Merigue (2004) destaca os seguintes:

- O Rio Sucuriú (fotos 15 e 16 respectivamente) com condições favoráveis de balneabilidade e navegabilidade, além de ainda ser piscoso. As deposições sedimentares feitas pelo rio ao longo de suas margens propiciam a formação de “praias” naturais. Este rio é marcado pela predominância dos chamados ranchos, propriedades privadas, ou seja, sítios ou chácaras marginais que dispõem informalmente de alguma infra-estrutura.

**Foto 15: Praias do rio Sucuriú**



Fonte: <http://www.3lagoas.com.br/turismo>  
<http://www.3lagoas.com.br/turismo>

**Foto 16: Rio Sucuriú**



Fonte:



- Entre as bacias hidrográficas da América do Sul, a bacia do Paraná, segundo o Ibama (2004), foi considerada a que sofreu maior número de represamentos para a geração de energia. Os reservatórios resultantes desse represamento das águas formam imensas lagoas, abarcando as duas margens do antigo leito do rio, com trechos que chegam a atingir 14 Km de largura, próximos a Três Lagoas e Brasilândia, sendo este considerado o 2º maior lago artificial do mundo (foto 17).

**Foto 17: Lago da Usina de Jupia – (panorâmica)**



Fonte: <http://www.3lagoas.com.br/turismo>

- Uma singularidade presente no município de Três Lagoas são as próprias lagoas urbanas que dão origem ao nome da localidade. Elas servem de lazer para a população local e ainda não geram demanda turística, porém, a qualquer hora do dia, podem-se encontrar ali pessoas pescando, praticando esportes e passando horas junto a sua natureza exuberante. A Lagoa Maior (fotos 18 e 19 respectivamente) é a principal lagoa entre as três que originaram o nome da cidade, sendo um dos principais pontos de encontro de esportistas e freqüentadores da pista de saúde e é o local onde ocorrem os principais eventos públicos.

**Foto 18: Lagoa Maior**



Fonte: <http://www.3lagoas.com.br/turismo>

**Foto 19: Lagoa Maior**



Fonte: <http://www3brasil.com/casems>

A cultura predominante na região do Bolsão (que inclui Três Lagoas), apresenta marcas da ocupação rural feita por fazendeiros originários de Minas Gerais e São Paulo, presentes no patrimônio arquitetônico e paisagístico, na organização e tipo de atividade que caracteriza a fazenda de gado bovino de corte, bem como nos hábitos e costumes estabelecidos. (MERIGUE 2004)

Três Lagoas tem, em seu patrimônio arquitetônico e urbanístico, importantes monumentos que representam bem sua história:

- A ponte Francisco de Sá inaugurada em 1926 (fotos 20 e 21 respectivamente), a estação ferroviária (fotos 22, 23, 24 e 25 respectivamente) inaugurada em 1912

(pelo menos três prédios diferentes foram construídos para esta estação) e o relógio central construído em 1938 são símbolos que permaneceram na paisagem do município, revelando os traços da modernidade de sua origem urbana, apesar de sua história estar relacionada à história caipira do Brasil central ao qual pertenceu, o chamado “sertão dos garcias” (área de povoamento inicial do Planalto).

**Foto 20: Ponte Francisco de Sá**



Fonte: <http://www.transportes.gov.br>

**Foto 21: Ponte Francisco de Sá**

Fonte: <http://www.transportes.gov.br>

**Foto 22: Estação Ferroviária, 1922**

**Foto 23: Estação Ferroviária, 1979**



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

**Foto 24: Estação Ferroviária, sem data.**



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

**Foto 25: Estação Ferroviária, 2002.**



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

- A igreja matriz de Santo Antônio assim foi denominada ao ser construída em 1914 pela colônia portuguesa, sendo considerada “Monumento Público Municipal” em 1931, de acordo com o arquivo diocesano (portaria III), tendo sido Santo Antônio designado “padroeiro da cidade”. Entre os populares mais antigos da cidade, esse templo também ficou conhecido como a “Igrejinha do Pretinho Aleijado”; segundo a narrativa popular, teria sido o sineiro da igreja assassinado, motivo pelo qual se acredita no fato de se ainda ouvir o sino tocar sozinho no horário de costume. Em 1939, a igreja passou por reformas que mantiveram suas anteriores linhas arquitetônicas. Atualmente, o templo apresenta na sua frente um monumento da colônia japonesa, fazendo um contraponto ao monumento mais antigo da colônia

portuguesa, apontando outros personagens que fizeram a história do município.” (MERIGUE, 2004)

- O artesanato se encontra em ascensão, sendo motivo de muita discussão pela comunidade [...].(Relatório do Inventário de Equipamentos Turísticos da Costa Leste de MS apud MERIGUE, 2004, p.149). Peças de argila, tear, madeira, além de outras, são confeccionadas por artesãos locais, e o fomento desta atividade está previsto em projeto juntamente com o turismo pelo APL do Turismo da Costa Leste (anexo 2).

Vale ressaltar que a observação destes potenciais nos dá subsídios para considerá-los somente potenciais turísticos, os quais poderão ser transformados em atrativos, pois para que estes sejam considerados atratividades devem estar inseridos num conjunto de serviços e estruturas também preparados para tal. De acordo com Merigue, “[...] a atividade turística na região turística da Costa Leste, do ponto de vista organizacional, apresenta-se sob forma de um arranjo ainda incipiente.” (MERIGUE, 2004, p.113). O mesmo autor ainda complementa: “Embora tenha um conjunto de atrativos, verifica-se que o conjunto dos produtos oferecidos não são oferecidos de maneira ordenada no mercado turístico.” (MERIGUE, 2004, p.149)

A Costa Leste, em um de seus relatórios, destaca os problemas ambientais enfrentados pelos empreendimentos das margens do rio Sucuriú. O relatório apresenta a seguintes informações:

A ocupação turística do Rio Sucuriú não cumpre Leis Ambientais Federais como a que determina a manutenção da mata ciliar, o que pode estar causando o assoreamento do rio. Os ranchos proliferam rapidamente sem serviços públicos como coleta de lixo e tratamento de esgoto sendo fatores que merecem discussão devido ao processo não estar caminhando com sustentabilidade. Empreendimentos como a Pousada do Tucunaré estão encontrando dificuldades em obter licença ambiental embora já esteja operando. (Relatório do Inventário de Equipamentos Turísticos da Costa Leste de MS apud MERIGUE, 2004, p.149)

Também deve-se mencionar, ao descrever a potencialidade turística de uma localidade, a estrutura que esta oferece para receber seus visitantes, seja de acesso como para estadia. Três Lagoas, no que se refere à estrutura, dispõe dos seguintes serviços: 6 agências bancárias (Banco do Brasil, Banco Real, Bradesco, HSBC, Itaú e Caixa Econômica Federal); 4 locais de compras e visitação turística; 28 estabelecimentos entre motéis, hotéis e pousadas, sendo: 2 pousadas, 19 hotéis e 7 motéis, que oferecem um total de 1657 leitos, além dos 8 ranchos disponíveis para

locação. A cidade ainda conta com 29 restaurantes e similares; 2 salas de convenções e 2 marinas. (MERIGUE, 2004, p.146). Entretanto, os números apresentados não apontam a qualidade dos serviços oferecidos, quesito considerado importante para o desenvolvimento do turismo.

### **3.4 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS E A ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANTO.**

Para os componentes da Associação Três-Lagoense de Artesanato, a cidade de Três Lagoas possui um grande potencial para o desenvolvimento do turismo, porém este potencial não é explorado, a começar pela própria estrutura básica necessária à cidade para receber visitantes, bem como a valorização de seus pontos de interesse turísticos. Consideram a cidade desorganizada e desestruturada, porém alguns acreditam que com a Costa Leste ou com o atual governo municipal, há possibilidades de que a atividade turística venha a acontecer. Quando questionados sobre o turismo na cidade de Três Lagoas, apresentaram declarações como:

- *Olha, nós temos potencial, mas a cidade não está preparada, não está.”*
- *No momento não tem, tem esperança com o novo governo municipal. A cidade tava bem acabada mesmo, as ruas tavam intransitáveis, agora tá melhorando bem... A cidade tava intransitável e suja e feia mesmo, que a cidade já foi bonitinha, mas tava bem feia.*
- *Tem o jatobá, tem o obelisco, tem várias casas antigas. E então tem que ser levantado, né? Tem o relógio, não é? Tem muita coisa pra ser levantada. A própria lagoa, as três lagoas né? Então precisamos de ajuda nesse tocante aí. De pessoas que possam levar isso à frente.*
- *Alguém já começou a mexer neste campo, né? Mas de uma forma morosa. Existem muitas dificuldades a serem transpostas ainda. Por exemplo, nós que mexemos com artesanato, né, não existe...*
- *Ah! Três Lagoas é muito ruim. Eu acho que não é bem divulgado, o pessoal do turismo que vem aqui eles só tão de passagem, vão pra Bonito, vão pra Miranda, mas não vem aqui para Três Lagoas. Não se vê uma excursão chegando de gente de fora que é aqui pra Três Lagoas. A não ser que tenha algum congresso ou alguma coisa em algum lugar, agora pra turismo, não. O potencial é mal aproveitado, os rios... Jupia está abandonado, balneário público é uma*

*vergonha, não tem estrutura mínima, muito mal cuidado. Acho que tem potencial, tem o que fazer, o que usufruir, mas ninguém faz nada.*

- *Tem turismo, eu acho que sim, falta talvez um pouco de incentivo da parte assim, do turismo, de quem cuida do turismo, você entendeu? Às vezes a gente sempre senta ali na banca, não todos os dias, mas tem dia que você vê que a pessoa não é daqui, que tá a passeio, que tá procurando uma coisa pra levar pra onde mora. Tem turista de fora. Teve um dia que teve um derrame de americano ali que foi impressionante. As meninas explicavam o que eles queriam, eles queriam coisa de madeira. Então sempre tem, você entendeu?*
- *Olha, pra nós ainda não tem tudo que a gente espera, não.*
- *Pra nós tá muito divagar, muitas promessas, você tá entendendo? Que vai colocar um stand ali perto da lagoa porque tem a possibilidade de colocar em hotéis visando exatamente o turista. A gente tem uma proposta de levar uma oficina pras pousadas, que também é praticamente de turismo, né? Mas assim concreto ainda não.*
- *É uma coisa que eu acho que tá fraco aqui em Três Lagoas. Que a gente deveria divulgar, principalmente nos pontos assim, onde o turista passa.*

No entanto, os entrevistados consideram que o turismo está estreitamente relacionado com o artesanato e que, portanto, o desenvolvimento desta atividade na cidade de Três Lagoas poderia influenciar sobremaneira e positivamente no desenvolvimento da atividade realizada pelo grupo. Destacou-se as seguintes afirmações:

- *Eu acho que sim, porque onde passa turismo, quer dizer... é sinal de muita gente na cidade né, vem gente de tudo quanto é parte do país, pode vir até do mundo, então a pessoa passa pela cidade e quer levar uma lembrança. Uma lembrança geralmente lembra de artesanato, né? Não precisa ser de argila, pode ser em palha, né, tanta coisa que tem. Então eu acho que influi bastante, sim, o turismo no artesanato.*
- *É o artesanato, geralmente ele é procurado pelo turista, né, mais, ele é procurado pelo turista, então eu acho que tá ligado, tá ligado o turismo com o artesanato, porque quando a gente viaja a gente geralmente quer trazer uma lembrancinha da terra, uma coisa assim que caracteriza a região que a gente foi, então eu acho que o que mais valoriza o artesanato é mesmo o turista.*
- *Acho importante. Muito. Tem tudo a ver porque uma pessoa que vai num lugar diferente, você quer levar alguma coisa daquele lugar.*

- *Porque nós estamos batalhando pra fazer o quê? Pra oferecer o nosso produto a quem queira comprar e o turista é um dos que mais compram. Então Três Lagoas, que não tem nada ainda, nós estamos começando. Existem, certamente em outros locais, grupos, outros que também estejam trabalhando nesse sentido. E aí, cê já viu né, ninguém vai segurar Três Lagoas, não.*

Dentre as declarações obtidas, uma delas chamou a atenção por apresentar outra visão da relação entre artesanato e turismo: a de ser o artesanato muito importante para a cidade e sua atividade turística, pois pode contribuir para a divulgação da localidade, fazendo com que as pessoas se lembrem da cidade visitada através de um artefato típico e original de dessa localidade. Na declaração, a artesã também enfatizou a preocupação da Associação Três-Lagoense de Artesanato na busca de encontrar a identidade de Três Lagoas e representá-la em peças artesanais com a argila. A artesã declarou:

- *Então tem que ter alguma peça onde tem esses lugares, esses pontos mais turísticos a gente tem que ir, tem que participar. Nós vamos participar semana que vem lá na Pousada do Tucunaré que é um lugar turístico, tudo, e vamos levar nossas peças e, pra vender, pra divulgar a cidade de Três Lagoas, né. E aqui no grupo nós vamos aprimorar a técnica, fazendo peças exclusivas daqui, que se um dia for pra outra cidade, o pessoal, olha e saiba que saiu de Três Lagoas essa peça. Que eu acho também importante. O nosso próximo passo na cerâmica é isso, fazer uma peça mais nossa, sabe? E, eu acho que tá ligado um ao outro.*

Outra questão a ser destacada neste último depoimento apresentado, diferentemente dos demais e considerada altamente positiva, é a percepção de uma postura mais ativa por parte deste depoente diante das dificuldades apontadas, um interesse, entusiasmo e vontade de contribuir para o fomento da atividade turística no município de Três Lagoas, acreditando que isto pode ser realizado através da ferramenta que dispõem percebendo assim que a relação entre o artesanato e o turismo é efetivamente de benefício mútuo.

Com exceção desta última declaração analisada acima, observa-se que as demais apresentam uma postura de passividade, as quais apontam os problemas e acreditam que estes devem ser resolvidos por “alguém”, apesar de todos afirmarem (compreenderem) a importância do turismo, e sua relação com o artesanato ao mesmo tempo que vislumbram o potencial turístico de Três Lagoas.



Atualmente, a influência de turistas na comercialização dos produtos oferecidos na banca é muito incipiente, sendo que compradores de outras localidades, segundo a irmã Zélia, são notados apenas em datas específicas, como Natal, Páscoa e carnaval.

Os potenciais consumidores são os moradores da cidade, e dentre eles, mais especificamente, a classe trabalhadora. A presidenta da associação afirmou: *‘Então, nós, é esse trabalhador que passa ali, aquele ponto de ônibus, sabe? Tá sempre comprando[...] As pessoas têm comprado; agora a elite, não; eu não vejo a elite na nossa banca, né, mas a classe popular, trabalhadora, essa vem’*

Outra colocação a respeito da relação turismo e artesanato, pela presidenta, é que o artesanato deve, primeiramente, ser valorizado pelos moradores da localidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou verificar se a Associação Três-Lagoense de Artesanato se configura como uma comunidade na perspectiva do Desenvolvimento Local procurando analisar a relação desta associação com a atividade turística do município de Três Lagoas. A população investigada apresentou o seguinte perfil socioeconômico: o grupo se compõe de 28 membros, incluindo a diretoria administrativa que é composta por nove cargos; a maioria de seus componentes é do gênero feminino, com média de idade de 50 anos; o estado civil e grau de instrução se apresentam de forma heterogênea, com predominância de casados e que cursaram até o ensino médio. A profissão exercida pela maioria dos componentes é a de professor. O grupo se organizou há aproximadamente três anos, tornando-se uma associação no ano de 2005.

Foi possível identificar diferenças entre as razões que fizeram as pessoas que compõem o grupo se aproximarem dele, sendo preponderante esta aproximação pelo gosto na atividade artesanal, somente. Em contrapartida, este não foi o principal motivo pelo qual seus componentes se mantiveram unidos. No que se refere às formas que os levaram a esta aproximação, observou-se que a maior parte foi através de convite de amigos.

O estudo ainda possibilitou verificar que a importância da atividade artesanal em relação à renda é, para quase todo o grupo, uma renda complementar.

Em se tratando de aspectos comunitários, os dados coletados permitiram configurar o grupo como uma comunidade, por apresentarem as seguintes características:

- objetivos e interesses comuns que, alcançados através da sua potencialidade, (artesanato) beneficiarão, com prazer, o grupo e cada um de seus componentes;
- a presença de relacionamentos primários e secundários, sendo que os primeiros se sobrepõem aos segundos.

A não-contigüidade espacial, verificada através deste estudo, não foi motivo suficiente para descaracterizar o grupo como comunidade, tendo em vista que as relações não sofreram interferências. Acredita-se, portanto, que a Associação Três-Lagoense de Artesanato não se configura como uma comunidade nos moldes tradicionais, as quais todos os aspectos eram reconhecidos nestes grupos, mas carrega

sua essência, ou seja, foi modificada, adaptada como os outros elementos presentes nas sociedades.

Nos aspectos de Desenvolvimento Local, não se identificou na Associação Três-Lagoense de Artesanato a prática efetiva deste tipo de desenvolvimento, mas existe uma grande potencialidade para tal. O próprio fato de ser esta associação reconhecida como comunidade já é considerado um importante potencial para o desenvolvimento local. Outros fatores que, da mesma forma, favorecem esta prática pelo grupo foram revelados neste estudo: organização, utilização de suas potencialidades, participação, solidariedade, necessidades, busca de melhorias e sentimento de pertença.

Ao se buscar identificar a atividade turística no município de Três Lagoas, detectou-se que a cidade possui possibilidades para o desenvolvimento do turismo: interessante localização geográfica, história e cultura peculiar, monumentos e belezas naturais. Porém, o turismo na cidade acontece ainda de forma incipiente. Estudos e projetos existentes estão detectando as necessidades locais e apresentando propostas para dinamizar esta atividade em Três Lagoas, transformando sua potencialidade em atratividade.

Entendeu-se que o artesanato é tão importante para o turismo de determinada localidade como este é importante para o artesanato. Esta é a mesma compreensão que a Associação Três-Lagoense de Artesanato possui sobre a relação entre turismo e artesanato, entendendo que o turista é aquele que normalmente mais se interessa pelas peças artesanais.

Portanto, para a Associação Três-Lagoense de Artesanato, o turismo em Três Lagoas seria benéfico para a valorização de sua atividade. Os componentes da associação também reconhecem o potencial turístico que a cidade possui e a maioria acredita que é necessário que se faça algo para fomentar esta atividade no município e que esta iniciativa é de responsabilidade de outros órgãos.

Em função dos dados obtidos, foi possível reafirmar a idéia de que comunidades são grupos potenciais (ideais) para o desenvolvimento local, porém somente esta característica não é suficiente para que a prática deste tipo de desenvolvimento aconteça. Reafirmou-se ainda a convicção de que o turismo pode ser instrumento a ser explorado por grupos que busquem o seu desenvolvimento. Sugere-se, portanto, que estudos contínuos sejam realizados para que novos resultados possam ser apresentados, fortalecendo assim o campo teórico sobre estas questões, na medida em que Três Lagoas e outras localidades do Estado de Mato Grosso do Sul têm recursos

para a otimização da atividade turística. Neste sentido, acredita-se que este e demais estudos que venham a ser realizados possam dar subsídios para a elaboração e implantação de projetos que possibilitem o desenvolvimento desta atividade juntamente com a localidade envolvida, proporcionando, desta forma, o seu desenvolvimento.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, J. V. *Turismo: fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_, J. V. *Turismo: fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática, 2001.

ÁVILA, V. F. de. *Municipalização para o desenvolvimento*. Campo Grande. Ed.UFMS/PREG, 1993.

\_\_\_\_\_. *Pressupostos para a formação educacional em desenvolvimento local*. Campo Grande:UCDB, 2000.

\_\_\_\_\_. *et all. Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos*. Campo Grande: UCDB, 2000

BARRETO, M. *Turismo e legado cultural*. Campinas: Papirus, 2000.

BENI, M.C, *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

BUBER, M. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v.1.

CORIOLOANO, L. N. M. T. *O Turismo de inclusão e o desenvolvimento local*. Fortaleza: Funece, 2003.

DAMATTA, R. *Explorações. Ensaio de sociologia interpretativa*, Rio de Janeiro. Rocca, 1987.

DRUCKER, P. F *A comunidade do futuro: idéias para uma nova comunidade*. São Paulo: Futura, 1998.

FERREIRA NETO, A; GARCIA, S. *Desenvolvimento comunitário*. Rio de Janeiro: Bloch, 1987.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IGNARRA, L. R. *Fundamentos de turismo*. São Paulo: Pioneira, 1999.

\_\_\_\_\_, L. R. *Fundamentos do turismo*. São Paulo: Pioneira, 2001.

KUHNEN, A. *Representações sociais e meio ambiente*. Disponível em: <http://www.ambiente.hpvip.com.br/142.html>. Acesso em: 25 de agosto de 2005

LE BOURLEGAT, C. A. Ordem local como força interna de desenvolvimento. In: *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Vol.1, n.1. Campo Grande: UCDB, set. 2000.

\_\_\_\_\_. *Território: noções conceituais*. 2004.

MARQUES, H. R; RICCA, D; FIGUEIREDO, G. P; MARTIN, J. C. *Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas*. Campo Grande: UCDB, 2001

MARTINS, S. R. O. Desenvolvimento local e turismo: por uma ética de compromisso e responsabilidade com o lugar e com a vida. In: *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. v.6 , n.10, p.109-118. Campo Grande: UCDB, mar. 2005.

MERIGUE, G.L. *Rede de gestão compartilhada como estratégia de desenvolvimento para a região turística da Costa Leste de Mato Grosso do Sul (RTCL/MS)*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2004.

NAISBITT, J. *Paradoxo global*. Rio de Janeiro: Campus; São Paulo: Publifolha, 1999.

NISBIT, R. *Comunidade*. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. S (org). *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. São Paulo: LTC Editora S.A, 1978.

OLIVEIRA, A. P. *Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização*. São Paulo: Atlas, 2000.

PIERSON, D. *Teoria e pesquisa em sociologia*. 14 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

Projeto Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Local. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.local.org.br>. Acesso em: 15 de março de 2006.

RABELLO, S. *Os artesãos do Padre Cícero- condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte*. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – Recife. 1967.

RAFFESTIN, C.. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1981.

RODRIGUES, J. C. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de; SILVEIRA, M. L.. *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994

SANTOS, M.. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. *Espaço & método*. São Paulo: Nobel, 1988.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEBRAE/MS. Projeto Empreender Disponível em [http://www.sebrae.com.br/br/programaseprojetos/programaseprojetos\\_1942.asp](http://www.sebrae.com.br/br/programaseprojetos/programaseprojetos_1942.asp). Acesso em: 17 ago. 2005

SIGRIST, M. *Chão batido. A cultura popular de Mato Grosso do Sul: folclore, tradição*. Campo Grande: UFMS, 2000.

SOUZA, M. L. *Desenvolvimento de comunidade e participação*. São Paulo: Cortez, 1999.

SOUZA, A. M; CORRÊA, M. V. *Turismo: conceitos, definições e siglas*. 2 ed. Manaus: Valer, 2000.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VIANA, A. F. Diagnóstico turístico da praça dos imigrantes visando apresentar subsídios para sua adequação como produto turístico de Campo Grande/MS. Campo Grande: Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Faculdade Estácio de Sá, 2005.

## APÊNDICE 1



## QUESTIONÁRIO APLICADO AOS COMPONENTES DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO

### QUESTIONÁRIO

#### 1 Dados Gerais:

1.1 Gênero: ☐ masculino ☐ feminino

1.2 Idade \_\_\_\_\_

1.3 Profissão \_\_\_\_\_ Ocupação \_\_\_\_\_

1.4 Endereço (rua/bairro): \_\_\_\_\_

1.5 Renda (valor): \_\_\_\_\_

1.6 Quantas pessoas sobrevivem desta renda? \_\_\_\_\_

1.7 A renda oriunda da produção do artesanato é:

☐ única ☐ a principal ☐ complemento

1.8 Estado civil: ☐ casado ☐ solteiro ☐ viúvo ☐ separado ☐ outros \_\_\_\_\_

1.9 Grau de instrução:

☐ analfabeto

☐ 1º a 4º série completo ☐ incompleto ☐

☐ 5º a 8º série completo ☐ incompleto ☐

☐ 1º a 3º série do 2º grau 1º s ☐ 2ºs ☐ 3º s ☐

☐ superior

☐ pós-graduação

## **APÊNDICE 2**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM A PRESIDENTA DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE ARTESANATO.**

#### **Bloco 1 - Identificação histórica:**

- 1- Há quanto tempo existe o grupo de artesãos de Três Lagoas? Como surgiu?
- 2- O grupo é composto por quantos membros?
- 3- Quem foram seus fundadores?
- 4- Como era composta sua estrutura organizacional no período de sua formação?
- 5- Houve modificação da estrutura organizacional do grupo da sua fundação até os dias atuais? Quais?

#### **Bloco 2 – Identificação espacial:**

- 1- Onde se localiza a sede do grupo de artesãos?
- 2- Onde são comercializados os produtos confeccionados pelo grupo?

#### **Bloco 3 – Funcionamento:**

- 1- Existem encontros sistematizados realizados pelo grupo? De quanto em quanto tempo? Onde ocorrem?
- 2- Como se configura o grupo como pessoa jurídica?
- 3- Quais são e quem ocupa as funções dentro do grupo?
- 4- Quais são os critérios de definição de funções?
- 5- Como é realizada a divisão de trabalho?

#### **Bloco 4 – o grupo e a atividade turística:**

- 1- Que tipo de artesanato é produzido pelo grupo?
- 2- Qual a quantidade de artesanato é produzida pelo grupo?
- 3- Para onde o produto produzido é conduzido?
- 4- Quem adquire/compra o artesanato produzido pelo grupo?
- 5- Como este artesanato é comercializado?
- 6- Qual a relevância da atividade turística em Três Lagoas para o grupo?

**APÊNDICE 3**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM OS**  
**COMPONENTES DA ASSOCIAÇÃO TRÊS-LAGOENSE DE**  
**ARTESANATO**

- 1- Além de realizar seu trabalho de artesão, você desempenha alguma outra função dentro do grupo?
- 2- Há quanto tempo você participa deste grupo?
- 3- Como você passou a fazer parte deste grupo?
- 4- Quais foram os motivos que levaram você a fazer parte deste grupo?
- 5- Quais foram os motivos que levaram você a escolher esta profissão?
- 6- Como é o seu relacionamento com os demais membros do grupo?
- 7- Além do local de “trabalho”, em que outros locais você encontra com os demais membros do grupo?
- 8- Qual a importância desta atividade para sua vida?
- 9- Qual a importância deste grupo para sua vida?
- 10- Quais suas expectativas (o que você espera) ao fazer parte deste grupo?
- 11- A realização do seu trabalho (artesanato) depende do trabalho de outro(s) membros do grupo?
- 12- O que o grupo pretende alcançar através da união do trabalho de seus componentes?
- 13- De que forma você se dedica para que o grupo alcance seus objetivos?
- 14- Existe algum sentimento em relação ao grupo e aos demais membros? Quais?
- 15- A sua família participa de alguma forma deste grupo?
- 16- Destaque os pontos positivos deste grupo?
- 17- Destaque os pontos negativos (e/ou dificuldades) deste grupo?
- 18- Como você vê a atividade turística na cidade de Três Lagoas?
- 19- Você relaciona de alguma forma o artesanato produzido pelo grupo com a atividade turística em Três Lagoas?
- 20- Você considera este grupo uma comunidade? Por quê?

## **ANEXOS**

